

JANEIRO
FEVEREIRO
MARÇO
2011

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

JANEIRO FEVEREIRO MARÇO 2011

O Natal que há pouco vivemos é, para muitos, uma festa religiosa. A religião, nas suas diversas manifestações, é um fenómeno antiquíssimo, com uma enorme relevância na vida individual e colectiva. Como surgiu? Quais foram os mais antigos gestos que revelam a relação humana com o divino? A primeira iniciativa da nossa programação do novo ano é um ciclo de conferências pelo Prof. Paulo Mendes Pinto em que se procura responder a essa pergunta. Para se compreender a religião e o que representa para a humanidade muito contribui saber como tudo começou.

Vivemos um tempo (quanto tempo será?) difícil. O discurso económico, com que todos os dias nos confrontamos, domina as explicações do que estamos a viver e propõe as soluções para os problemas que nos afligem. Até onde pode ir a Economia na compreensão dos factos sociais e na previsão do seu desenvolvimento? O Prof. João Ferreira do Amaral, no segundo ciclo de conferências que propomos, vai explicar aos não economistas o que é que a ciência económica poderá resolver e os motivos pelos quais há perguntas a que não sabe responder. Ao reflectir sobre estas questões é sobre a realidade que vivemos que estamos a pensar.

A terceira série de conferências deste trimestre é sobre a história das artes visuais no século XX. Ninguém melhor que a Prof^a Raquel Henriques da Silva para nos conduzir pelo caminho sinuoso, com tantas rupturas e mudanças decisivas, que a Arte percorreu no século passado. Ao fazermos com ela esse caminho, poderemos compreender melhor o presente e olhar de um modo mais

informado sobre uma Arte que a muitos de nós causa perplexidades ou nos aparece frequentemente como opaca, ininteligível.

Sabemos por simples observação que vivemos numa época em que a imagem está sempre presente e de uma forma expansiva e acelerada. A nossa percepção sobre ela tem vindo a mudar radicalmente. Três dos maiores pensadores vivos que se debruçaram sobre as questões da imagem e da sua percepção, o alemão Belting e os franceses Didi-Huberman e Rancière, encontram-se no nosso Grande Auditório para nos exporem e debaterem as suas ideias.

Começamos estes textos por referir estas quatro iniciativas para sublinhar a importância do pensamento, do conhecimento, da reflexão, para entendermos o mundo, a vida, nós próprios. Para cumprirmos o nosso destino. Mas não é só através da ciência ou da filosofia que exercemos essa meditação. Também o fazemos pelas artes.

A programação de teatro deste início do ano, de uma qualidade excepcional, é muito variada e estimulante. Começamos com três obras em que o espectador se encontra, sozinho, com os actores (*Personal Trilogy*) numa relação íntima de um para um. Segue-se uma grande produção, não só pelo tempo que dura (cinco horas com dois intervalos) ou pelo número de actores e músicos em palco, mas sobretudo pelo excesso, pela desmesura do que se vive durante ele (*La casa de la fuerza*). Por fim, voltamos a um espectáculo de pequena dimensão, com apenas dois actores dentro de uma piscina de plástico (*Holiday*). São, todos, espectáculos que tiveram grande sucesso de público e de crítica. Merecem muito ser vistos.

Na dança temos que realçar a criação de Raimund Hoghe, a terceira que apresentamos deste genial coreógrafo que foi colaborador próximo de Pina Bausch. "Lado a lado, face a face, a maior parte das vezes solitários, mas com os outros, os nove intérpretes da nova peça do coreógrafo alemão, intitulada *Si muero dejad el balcón abierto*, verso retirado de um poema de Garcia Lorca, compõem uma das mais comoventes comunidades, das mais

graves também, reunidas por Hoghe desde as suas primeiras peças", escreveu a crítica do *Libération*, R. Boisseau.

Teremos ainda uma nova criação de dois jovens intérpretes e coreógrafos portugueses, Márcia Lança e Nuno Lucas, que pretende dar a ver o invisível, através da imaginação, assumindo a ingenuidade infantil do fazer de conta.

Quanto à música, ela vai estar presente numa multiplicidade de géneros.

"Concertos no Palco" é um ciclo que dá continuidade ao que fizemos em 2010: ao fim da tarde de sábado juntamos intérpretes e público no palco do Auditório. Os intérpretes são músicos de primeiro plano, os programas que tocam são fora do comum, com obras muito belas mas pouco ouvidas. Para além desses concertos, virá pela primeira vez à Culturgest o Remix Ensemble Casa da Música, tocar música norte-americana em homenagem a Steve Reich.

O fabuloso octeto de Steve Lehman e os trios de Júlio Resende e Carlos Barretto compõem o programa de jazz no Grande Auditório. No Pequeno, prossegue o ciclo "Isto é Jazz?" que tem um público fiel que esgota todos os concertos.

Os blues estão de volta na terceira edição do Hootenanny, com um conjunto de concertos imperdíveis, com músicos escolhidos de entre os melhores na guitarra, no piano, na harmónica ou no órgão Hammond. Numa sessão especial Bernardo Sasseti comentará com palavras e no piano uma selecção de excertos de imagens da série documental *The Blues*, de Martin Scorsese.

A espanhola Fátima Miranda é uma artista raríssima. Com uma amplitude vocal que só muito excepcionalmente se encontra, que vai do grave muito grave ao agudo muito agudo, e uma técnica acrobática, por si concebida ou aprendida a partir de culturas tradicionais, em *perVERSIONES* interpreta não canções suas, como sempre tinha feiro nos espectáculos anteriores, mas "canções de toda a vida", desde melodias medievais a *standards* de

jazz, da canção francesa ao fado ou à música pop. Fátima não vem a Lisboa desde 2000. É a altura de a rever.

Os Pop Dell'Arte que acabam de festejar os 25 anos de carreira editando um novo CD, *Contra Mundum* estarão na nossa sala principal com alegria nossa.

O ciclo de cinema que costumamos apresentar no início do ano é dedicado ao realizador russo Sergei Loznitsa. Autor de numerosos documentários, elogiados e premiados em inúmeros festivais, a sua primeira ficção, que também vamos poder ver, esteve em competição no último Festival de Cannes. Loznitsa estará na Culturgest para apresentar as sessões.

Na Galeria 1 de Lisboa estará patente a exposição que constitui o segundo capítulo da série que teve início em 2008 e que chamámos *1+1+1=3*. São três exposições individuais simultâneas que dialogam entre si formando uma exposição colectiva. Friedrich Meschede, o curador convidado, escolheu três artistas que utilizam a fotografia e o filme como meio de expressão: Hermann Pitz (Alemanha), Michael Snow (Canadá) e Bernard Voita (Suíça).

Na Galeria 2, comissariada por Anthony Huberman, vamos apresentar uma exposição monográfica do artista nova-iorquino Gedi Sibony que se dedica à escultura utilizando materiais industriais que recupera e salva da extinção.

No Porto, apresentamos uma exposição em torno do espaço de arte independente de Paris castillo/corrales.

O nosso Serviço Educativo, como sempre, tem inúmeros e aliciantes programas para públicos de todas as idades.

Esperamos que as nossas escolhas justifiquem a sua visita. Foi para si que as fizemos.

Conferências

- 10 **Da lei da morte libertando...**
por Paulo Mendes Pinto
- 34 **O Fascínio da Economia**
por João Ferreira do Amaral
- 50 **A arte do século XX - entre a perspectiva e o detalhe** por Raquel Henriques da Silva
- 56 **Imagem/Imagens**
Hans Belting, Georges Didi-Huberman, Jacques Rancière

Música

- 12 **Vilde Frang e Michail Lifits**
- 20 **Phill Niblock**
- 26 **Steve Lehman Octet**
- 28 **Hootenanny**
- 29 Luther "Guitar Junior" & The Magic Rockers
- 30 Guy Davis - Routes/roots of the blues
- 31 Phil Wiggins Duo
- 32 Bernardo Sasseti - The Blues
- 33 Davell Crawford Organ Trio
- 38 **Pop Dell'Arte**
- 40 **You taste like a song**
Júlio Resende Trio
- 42 **Luísa Tender e Jill Lawson**
Duo de pianos
- 44 **Portrait Steve Reich I**
Remix Ensemble Casa da Música
- 48 **Daniel Levin Quartet**
- 52 **perVERSIONES** de Fátima Miranda
- 54 **Luís Lopes e Mats Gustafsson**
- 60 **LOKOMOTIV**
- 62 **Vita - Monteverdi-Scelsi**
Sonia Wieder-Atherton

Teatro

- 14 **Personal Trilogy - Três espetáculos um-para-um de Ontroerend Goed**
- 15 Internal
- 16 The Smile Off Your Face
- 17 A Game of You
- 36 **La casa de la fuerza** de Angélica Liddell
- 58 **Holiday** Um espetáculo de Ranters Theatre

Cinema

- 18 **Sergei Loznitsa**

Leituras

- 22 **Comunidade de Leitores**
por Helena Vasconcelos

Dança

- 24 **Trompe le Monde**
de Márcia Lança & Nuno Lucas
- 46 **Si muero dejad el balcón abierto**
de Raimund Hoghe

Exposições

- 66 **João Queiroz SILVÆ**
- 68 **1+1+1=3**
Hermann Pitz, Michael Snow, Bernard Voïta
- 70 **Gedi Sibony**
- 72 **Pedro Diniz Reis** Um dicionário, quatro alfabetos, um sistema decimal
- 74 **O modo como não foi**
(Celebrando dez anos de castillo/corrales, Paris)
- 76 **Bruno Pacheco**
- 78 **Linguagem e Experiência**
Obras da Colecção da Caixa Geral de Depósitos

- 81 **Serviço Educativo**

- 90 **Informações**

Da lei da morte libertando...

por Paulo Mendes Pinto



Figuras do Mundo da Morte, num túmulo do séc. II d.C., actualmente no Museu de Damasco © Paulo Mendes Pinto

CONFERÊNCIAS

QUARTAS-FEIRAS
5, 12, 19, 26 DE JANEIRO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita
Levantamento de senha
de acesso 30 minutos antes
de cada sessão, no limite dos
lugares disponíveis. Máximo
por pessoa: 2 senhas.

5 de Janeiro

A nostalgia do paraíso:
o imaginário de um tempo
sem trabalho e sem sofrimento

12 de Janeiro

Cleros, hierarquias e reis:
o caminho para a sociedade
do Bronze

19 de Janeiro

Nacionalismos, ecologia
e salvação: o nascimento do
indivíduo na Idade do Ferro

26 de Janeiro

Baal e El, ou Adonai, Eloim
e Adonis: a junção eficaz das
definições do divino

Possivelmente, há já alguns milhares de anos que somos o que hoje temos à nossa frente. Fisicamente, esta forma com que nos gostamos de designar enquanto duplamente sábios, *sapiens sapiens*, terá uns 200.000 anos. Há uns 40.000 anos que enterramos os mortos com flores. Nos últimos 5.000 anos fomos-nos “da lei da morte libertando”, desenvolvendo um conjunto de mitologias e de raciocínios que nos levou à imortalidade e a todo um grupo de crenças que hoje nos estruturam o pensamento.

Com a passagem ao Neolítico, ganhámos a nostalgia dos tempos anteriores que apelidámos de paradisíacos. O trabalho do cereal possibilitou um crescimento populacional, mas implicou uma “domesticação” que não foi apenas dos animais à nossa volta, também foi de nós próprios.

A partir desse momento, sempre buscámos o inalcançável. Seja nas mitologias da Suméria onde a Condição Humana nos surge quase ao nível do desumano, seja na Babilónia onde se começa a esquiçar uma ecologia em que tudo está interligado e dependente de uma imensamente marcante Criação.

Os mitos multiplicaram-se. As narrativas complexificam-se e os cleros consolidam-se. Inanna, Marduk, Baal, Melkart, Adonai e Javé são alguns dos momentos marcantes na construção das ideias centrais no mundo das religiões do Mediterrâneo. Mais que cultos, nestas realidades temos a construção dos próprios conceitos de divino, de deus, de salvação.

Neste percurso, que nos levará da Pré-História aos séculos em que emerge a nossa Era, os grandes deuses são depurações de ideias que resultam de milhares de anos a contemplar as estrelas à noite. Ao chegar próximo do nascimento dos monoteísmos, um deus já é um legado cultural muito além do que nos permite a leitura imediata das suas narrativas.

Nesse momento, uma divindade já não é ela mesma, é afinção de necessidades, de receios e de medos, mas também de desejos e de sonhos.

Paulo Mendes Pinto

Paulo Mendes Pinto é Director da Licenciatura e do Mestrado em Ciência das Religiões na Universidade Lusófona. Trabalha em torno da mitologia do Mediterrâneo Antigo, especialmente Suméria, Babilónia e Canaã. Actualmente, dirige o projecto *Inquérito à Cultura Religiosa em Portugal*, apoiado pela Fundação Calouste Gulbenkian.

We developed a whole range of beliefs that structure our way of thinking. The Neolithic brought nostalgia. Farming brought population growth, domesticated animals, and our own domestication. Myths multiplied, and ideas of divinity, god and salvation were developed. In the period from pre-history to the early days of our own era the gods were refinements of ideas arising from millennia of star-gazing. In turn, monotheism is a refinement of needs and fears, but also desires and dreams.

Paulo Mendes Pinto is director of Lusófona University's religious sciences degree and masters courses.

Vilde Frang e Michail Lifits

Ciclo Concertos no Palco



© Niclas Jessen



© Felix Broede

MÚSICA

SÁB 8 DE JANEIRO

Palco do Grande Auditório
18h00 · Duração aprox. 1h20
com intervalo · M12 · 10 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros

Violino Vilde Frang Piano Michail Lifits

Nascida em Oslo em 1986, Vilde Frang tem já uma intensa carreira internacional, tendo tocado com grandes orquestras sob a direcção de aclamados maestros ou participado em agrupamentos de câmara com músicos como Gidon Kremer, Yuri Bashmet, Martha Argerich, Renaud e Gautier Capouçon, entre outros. Premiada várias vezes, Vilde Frang foi Jovem Artista do Ano 2010 da editora EMI Classics, para quem gravou um CD com os concertos para violino de Sibelius e Prokofiev que teve uma recepção entusiástica da crítica. Sem dúvida, uma das melhores violinistas da sua geração.

Michail Lifits nasceu em 1982 na capital do Uzbequistão no seio de uma família musical. Aos 9 anos de idade deu o primeiro concerto no seu país natal, seguindo-se uma série de outros na Rússia, Ucrânia, Áustria, Itália, Alemanha, França, Suíça e EUA. Estudou em Hanôver e mais tarde com Boris Petrushansky em Imola, Itália. Primeiro prémio em vários concursos internacionais de piano em Itália, venceu a edição de 2009 do Hilton Head International Piano Competition (EUA) e do concurso Busoni (Itália), prosseguindo uma preenchida carreira pela Europa e Estados Unidos.

Estes dois jovens e excepcionais intérpretes escolheram para iniciar e concluir o seu recital duas belas sonatas românticas, obras de juventude dos seus autores – ainda que a de Schubert tenha sido publicada 23 anos após a sua morte. A primeira parte do programa conclui-se com uma curta, leve, alegre peça virtuosística de Pablo Sarasate, um dos mais virtuosos violinistas da sua geração. E a iniciar a segunda parte poderemos ouvir um dos marcos da música moderna polaca, uma obra que Lutoslawski escreveu já com mais de 70 anos. Este mesmo programa, vão apresentá-lo numa digressão europeia que inclui o prestigiado auditório do Museu do Louvre.

Dois músicos superlativos em estreia em Portugal para interpretarem um programa muito bem construído, variado e cheio de beleza e emoção. Uma excelente forma de iniciar o ciclo 2011 de música de câmara ao fim da tarde, em que intérpretes e público se encontram no palco do nosso auditório principal.

Programa

Franz Schubert (1797-1828)
Sonata para violino e piano em Lá maior D. 574, “Grand Duo”

Pablo Sarasate (1844-1908)
Dança Espanhola

Witold Lutoslawski (1913-1994)
Partita para violino e piano

Richard Strauss (1864-1949)
Sonata para violino e piano em Mi bemol maior op. 18

Born in Oslo in 1986, Vilde Frang has played in orchestras led by great conductors, and in chamber music groups with Gidon Kremer, Yuri Bashmet, Martha Argerich and others. She was EMI Classics' 2010 Young Artist of the Year, and is one of the finest violinists of her generation.

Michail Lifits was born in 1982 in Uzbekistan. He gave his first concert at the age of nine, and went on to play throughout the world. He studied in Hanover and Italy, and won the 2009 Hilton Head International Piano Competition.

Their performance will include Schubert (a piece published posthumously), R. Strauss, a lively piece by Pablo Sarasate, and another by Lutoslawski. This is the first time these two musicians have played in Portugal.

Personal Trilogy

Trilogia Pessoal

Três espectáculos

um-para-um

de Ontroerend Goed



© Virginie Schreyen

Internal Interno

TEATRO

SÁB 8, DOM 9
DE JANEIRO

Palco do Pequeno Auditório
17h00-20h00 · 22h00-01h00

Entrada de pequenos grupos
de 30 em 30 minutos

Duração: 30 minutos · M16

10 Euros · Até aos 30 anos:
5 Euros (preço único)

Bilhete para os 3 espectáculos:
20 Euros (preço único)

Espectáculo em inglês,
sem legendas

Com Alexander Devriendt,
Sophie De Somere, Joeri Smet,
Aurélie Lannoy, Maria Dafneros
e Charlotte Debruyne

Em colaboração com KC België
(Hasselt), Vooruit (Gent) e
Inkonst (Malmö)

Apoio Governo Flamengo e
provincia do Leste da Flandres

Em associação com Richard
Jordan Productions Ltd.
Estreia a 14 de Setembro de
2007 em Hasselt, Bélgica

Internal foi o espectáculo-
-sensação de Edimburgo em
2009 (Fringe First e Herald
Angel). Apesar de ser o
segundo na cronologia de
criação, abre aqui esta trilogia
de teatro íntimo concebida por
Ontroerend Goed, a compa-
nhia de Gent que apresentou
na Culturgest *Once and for
all we're gonna tell you who
we are so shut up and listen*
(melhor espectáculo de 2009
para a *Time Out - Lisboa*).

Caro espectador,
Somos cinco *performers*
à procura de um parceiro.
Gostaríamos de convidá-lo
para a próxima representação
de *Internal*, o nosso recreio
individual, onde pode ficar a
conhecer-nos num ambiente
acolhedor e espontâneo.
Asseguramos um tratamento
íntimo e altamente persona-
lizado. Por favor, avise-nos
atempadamente se for incapaz
de controlar os seus sentimen-
tos. Providenciaremos uma
solução elegante e discreta.
Atenciosamente,
Os Actores

*Internal é carnívoro. Toma o
público por presa, regalando-se
com as nossas personalidades
antes de nos cuspir de volta à
cidade semi-mastigados.*

Matt Trueman, *Culture Wars*,
15 de Agosto de 2009

*A ilusão de intimidade é, de
certa forma, a matéria do
teatro, e se Internal nos explora,*

*é na nossa vontade de sermos
seduzidos pela representa-
ção. [...] Não é preciso ficar
demasiado apreensivo. A real
habilidade dos intérpretes está
na atenção que dão às nossas
palavras, linguagem corpo-
ral e limites. [...] Só se retira
do espectáculo aquilo que lá
pusermos.*

Peter Crawley, *The Irish Times*,
8 de Outubro de 2010

Dear Spectator,
We are five performers in
search for a partner. We'd like
to invite you to the next per-
formance of *Internal*, our indi-
vidual playground, where you
can get to know us in a cosy
and spontaneous atmosphere.
We guarantee you an intimate
and highly personal treatment.
Please, inform us in time if you
are unable to control your feel-
ings. We will provide an elegant
and discrete solution.

Yours sincerely,
The Actors



© Virginie Schreyen

The Smile Off Your Face

Arrancar-te o sorriso

TEATRO

TER 11, QUA 12, QUI 13
DE JANEIRO

Palco do Grande Auditório
20h00-24h00
Entrada de pequenos grupos
de 30 em 30 minutos
Duração: 30 minutos · M16
10 Euros · Até aos 30 anos:
5 Euros (preço único)
Bilhete para os 3 espectáculos:
20 Euros (preço único)

Espectáculo em inglês,
sem legendas

Encenação Sophie De Somere
e Joeri Smet **Com** Alexander
Devriendt, Sophie De Somere,
Joeri Smet, Aurélie Lannoy,
Maria Dafneros, Charlotte
Debruyne e Kwint Manshoven
Música Sebastian Omerson
Apoio Cidade de Gent e
provincia do Leste da Flandres
Em associação com Richard
Jordan Productions Ltd.
Estreia a 6 de Setembro de
2003 em Gent, Bélgica

Bem-vindo ao palco escuro de
The Smile Off Your Face, um
espectáculo que oferece uma
experiência visual completa-
mente diferente.

Na verdade, não é sobre ver.
Vai estar vendado, vai estar
numa cadeira de rodas, atado.
É sobre experimentar. Não há
palco. Não há público, nenhum
lugar definido pelas luzes onde
os actores representam. Com
efeito, não sabe onde está.

Suspeita de alguma coisa.
Imagina alguma coisa. Tudo
acontece apenas na sua
cabeça, e no entanto não acon-
tece. Está num quarto escuro.
Há outras pessoas. Querem
algo de si. Ou não. Às vezes
está sozinho. Nós sabemos
disso. Tomamos conta de si.

The Smile Off Your Face já
foi apresentado em Gent,
Antuérpia, Bruxelas, Delft,
Amsterdão, Utrecht,
Groningen, Malmö, Marraquexe,
Edimburgo (Fringe First e
Total Theatre Award), Londres,
Erlangen e Adelaide (Fringe
Award).

*Enquanto ensaio sobre a
intimidade, o calor humano e
a atenção emocional autêntica
- e uma reflexão sobre a sua*

*chocante ausência, em muitas
vidas contemporâneas - The
Smile Off Your Face é uma
experiência inesquecível.*
Joyce McMillan, *The Scotsman*,
17 de Agosto de 2007

You are blindfolded, you are in
a wheelchair, tied up. It's about
experiencing. There is no stage.
There is no public, no fixed
spot in the lights where actors
perform. In fact, you don't know
where you are. You suspect
something. You imagine some-
thing. Everything happens only
in your head, and yet it doesn't.
You are in a darkroom. There
are other people. They want
something from you. Or not.
Sometimes you are alone. We
know that. We take care of you.



© Virginie Schreyen

A Game of You

Jogar a ti

TEATRO

SÁB 15, DOM 16
DE JANEIRO

Palco do Grande Auditório
17h00-20h00 · 22h00-01h00
Entrada de pequenos grupos
de 30 em 30 minutos
Duração: 30 minutos · M16
10 Euros · Até aos 30 anos:
5 Euros (preço único)
Bilhete para os 3 espectáculos:
20 Euros (preço único)

Espectáculo em inglês,
sem legendas

Criado por Alexander
Devriendt, Joeri Smet, Sophie
De Somere, Nicolaas Leten,
Maria Dafneros, Charlotte De
Bruyne, Aurélie Lannoy, Kristof
Coenen e Eden Falk
Com Alexander Devriendt,
Sophie De Somere, Joeri Smet,
Aurélie Lannoy, Maria Dafneros
e Charlotte Debruyne
Produção Ontroerend Goed
com Battersea Arts Centre e
Richard Jordan Productions Ltd.
Apoio National Theatre Studio
Estreia a 29 de Janeiro de 2010
em Hasselt, Bélgica

Neste espectáculo, que encerra
a trilogia de teatro imersivo da
companhia, sete desconheci-
dos estão ansiosos por passar
algum tempo convosco, o
público. Mexer convosco. Ficar
a conhecer-vos melhor do que
se conhecem a eles próprios.
Há quem diga que são atrevidos,
inquisitivos, manipuladores

ou mesmo malvados. Há quem
defenda que não se pode con-
fiar neles. Fiquem descansados,
não é verdade. Estes desco-
nhcidos são jogadores com
intenções sinceras cujo único
objectivo é deixá-lo descobrir
quem é. Deixe-se emaranhar
no jogo e saberá que o fazem
por si.

*Com o espectáculo interac-
tivo A Game of You, o grupo
de teatro de Gent conclui de
forma convincente a sua trilo-
gia sobre o auto-conhecimento.*
[...] *Desta vez assume a forma
de um palácio de espelhos: não
uma atracção de feira, mas uma
forma intensa e inusitada de
auto-reflexão. Quanto daquilo
que pensamos e dizemos sobre
outras pessoas revela de nós?
E vice-versa: o que pensam os*

*outros quando nos vêem? Qual
o significado das primeiras
impressões?*

Liv Laveyne, *Knack*

In this show, which marks the
final part of the company's
trilogy of immersive theatre,
seven strangers crave to spend
some time with you, the audi-
ence. To get under your skin.
To get to know you better than
they know themselves. Some
say they're forward, inquisi-
tive, manipulative or downright
evil. Some claim they can't be
trusted. Rest assured, they are
wrong. These strangers are
players with sincere intentions
whose sole purpose is to let
you find out who you might be.
Get entangled in the game and
you'll know that they're doing
it for you.



© Elies Van Renterghem

Sergei Loznitsa

CINEMA

DE QUI 13 A DOM 16
DE JANEIRO

Pequeno Auditório
3,50 Euros (preço único)

Todos os filmes serão
apresentados em versão
original, com legendas em
inglês e português

Programação

Zero em Comportamento,
Associação Cultural

Nascido na Bielorrússia, quando esta ainda fazia parte da União Soviética, Sergei Loznitsa foi desde cedo encorajado pelos pais, ambos matemáticos, a ocupar-se de estudos técnicos, que seguiu, até 1991, na área da cibernética e da inteligência artificial. A fotografia, uma velha amiga de infância, e os livros de filosofia e arte pelos quais sempre cultivou o fascínio, conduziram-no nesse mesmo ano ao Instituto de Cinema (VGIK) em Moscovo, onde frequentou o estúdio de Nana Dzordzhadze. Após o primeiro filme, *Today We Are Going to Build a House*, co-realizado com Marat Mangabotov, seguiu-se *Life, Autumn, My Joy*, a sua primeira ficção, apresentada em competição no Festival de Cannes de 2010, veio juntar-se a uma lista prolífica de documentários, elogiados e premiados em inúmeros festivais, que compõem uma obra coerente, equilibrada e singular, de cariz marcadamente experimental.



Artel, 2006

Apesar da sua mudança para a Alemanha em 2001, todos os seus filmes evocam, nos temas, situações e na textura particular que resulta de um uso criterioso quer do preto e branco quer da cor, bem como da banda sonora que integra activamente a dramaturgia, uma Rússia de poemas e histórias, sonhadora, idealista, mas também fria, agreste, nem sempre em condições de pôr em prática os princípios mais nobres. Não fosse Bresson um dos seus cineastas de eleição, Loznitsa encontra numa certa distância do objecto filmado um modo de conservação da sua verdadeira essência e das emoções e pulsões que habitam sub-repticiamente a imagem, convidando a ver para além das aparências.

Sergei Loznitsa estará em Lisboa para acompanhar esta retrospectiva e apresentar as sessões dos seus filmes.

Born in Byelorussia when it was part of the USSR, Sergei Loznitsa studied cybernetics and artificial intelligence, until he entered the VGIK Film Institute in Moscow in 1991. His first film, *Today We Are Going to Build a House*, co-directed with Marat Mangabotov, was followed by *Life, Autumn*. His first fictional film, *My Joy*, was shown at the 2010 Cannes Festival, following a prolific output of award-winning documentaries.

He moved to Germany in 2001, but all of his films evoke the Russia of idealistic poems and stories, as well as its cold and harshness. Loznitsa keeps a distance from his subjects to preserve their essence. He will be in Lisbon for this retrospective, and to present the screenings of his films.

Quinta-feira 13
21h30

My Joy

Alemanha/Ucrânia/Holanda,
2010, 127', HDCam

Num dia normal de trabalho, um camionista faz um desvio errado e acaba por ser sugado para o interior de uma pequena aldeia russa, onde o instinto se sobrepõe ao senso comum.

Sexta-feira 14
18h30

Today We Are Going to Build a House

Realização de Sergei Loznitsa e Marat Magabotov, Rússia,
1996, 28', 35mm

Construir uma casa sem habitá-la, nem nos momentos de descanso? Até os materiais que lhe dão forma parecem ter vida própria, enquanto dançam ao som da música. Finda a obra, fica o vazio em tom de convite.

Life, Autumn

Realização de Sergei Loznitsa e Marat Magabotov, Rússia,
1998, 34', 35mm

Os camponeses contam histórias da sua aldeia. Histórias sobre a família, os amigos, o tempo, a morte, a felicidade e a perda. As mulheres cantam canções populares e a vida de gerações celebra-se no ecrã.

The Train Stop

Rússia, 2000, 25', 35mm

Na sala de espera da estação de comboios, a fronteira entre o sono e a vigília é mais do que uma linha que se atravessa para um dos lados. Ela é um abismo onde repousa uma outra leitura da realidade.

Sexta-feira 14
21h30

Settlement

Rússia, 2001, 80', 35mm

De visita ao povo de uma aldeia estranha, há sempre mais para descobrir do que parece à primeira vista. Só com o tempo se consegue chegar mais perto e reaprender o que é a normalidade.

Sábado 15
16h00

Portrait

Rússia, 2002, 28', 35mm

Retratos em movimento. Congela-se o tempo mas permanece a acção e, na tentativa de permanecer imóvel, o modelo dobra-se sobre si próprio, devolvendo ao espectador uma impressão de espelho.

Landscape

Rússia/Alemanha, 2003,
60', 35mm

Um grupo de pessoas espera o autocarro. A câmara percorre o espaço e cruza-se com o olhar fugidivo dos futuros passageiros, enquanto apanha conversas no ar. A paisagem é o ponto de partida e de chegada.

Sábado 15
18h30

Factory

Rússia, 2004, 30', 35mm

O trabalho na fábrica não requer palavras. Ali o discurso é substituído pelos mesmos movimentos, repetidos até à dissolução num todo homogéneo, quase viciante, que garante a eficácia.

Blockade

Rússia, 2005, 52', 35mm

Uma recriação documental do

cerco a Leninegrado, o mais longo da 2ª Guerra Mundial. O espectador é também um participante de cada um dos episódios, pela força da banda sonora que vivifica as imagens.

Sábado 15
21h30

Artel

Rússia, 2006, 30', Digibeta

Numa planície gelada da Rússia, a luta pela sobrevivência compõe-se de pequenas tarefas, e o silêncio do inverno é interrompido por sons banais que reinam na quietude rotineira da pesca no gelo.

Northern Light

França, 2008, 52', Digibeta

Apesar das noites glaciais do Norte, a aldeia de Soumskiy Pozad é invadida por algumas horas de luz, na véspera da Páscoa. Revive-se assim a Rússia de Tchekhov: fria e dilacerada mas, ainda assim, feliz.

Domingo 16
18h30

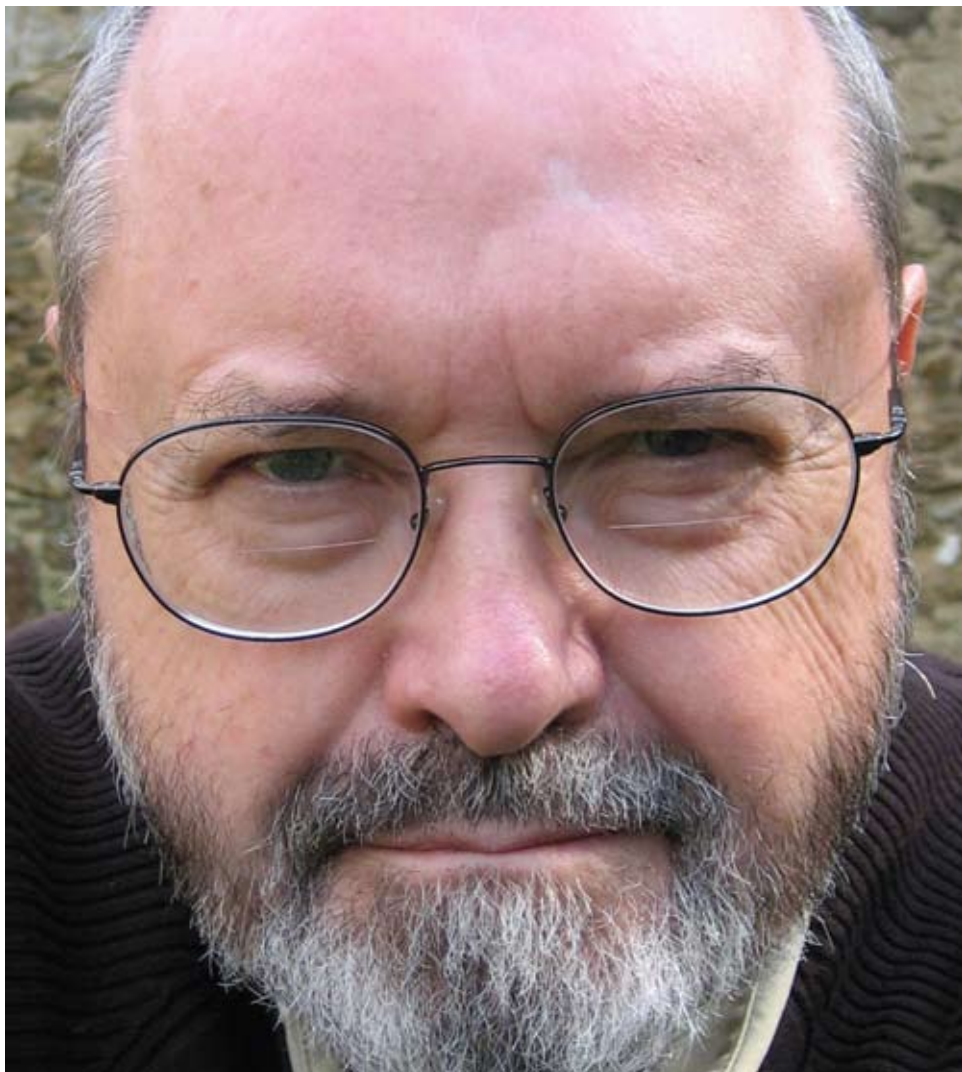
Revue

Alemanha/Rússia, 2008,
83', 35mm

Um compêndio da vida soviética dos anos 50 e 60. As imagens de arquivo ilustram a indústria, agricultura, vida política e ritos sociais que trazem o trabalho interminável de aproximação a um mundo ideal.

Phill Niblock

Ciclo de concertos
comissariado por filho único



MÚSICA

SEX 14 DE JANEIRO

CULTURGEST PORTO
22h00 · Duração aprox. 1h30
M12 · 5 Euros (preço único)

Bilhetes à venda nos locais habituais (ver Informações e Reservas no final deste programa) e na Culturgest Porto - Galeria, na Avenida dos Aliados 104, no horário de funcionamento da galeria e no dia do espectáculo, até à hora de início do mesmo.

Leitor de CD, computador, mesa de mistura Phill Niblock

Criador, pensador, viabilizador, auto-didacta e activista, Phill Niblock tem um percurso artístico há mais de 50 anos nos campos da música, do cinema e do vídeo. Particularmente interessado em trabalhar as propriedades microtonais e psicoacústicas do som, realiza peças de duração longa que exploram o encontro de frequências contínuas e manipuladas, a sua relação entre si e no espaço, em que revela o ritmo e encaixe harmónico internos de combinações intuitivas de várias camadas de tons.

Director da Intermedia Foundation desde 1985, tem tido um papel extremamente importante nessa intersecção de trabalho sobre imagem e som. No caso particular de Portugal, e partindo de um contacto próximo que estabeleceu com Ernesto de Sousa a partir do final da década de 1970, criou uma bolsa nomeada em homenagem ao artista português destinada a premiar anualmente artistas nacionais a trabalhar dentro do universo Intermedia.

Assim, desde 1992 que sob a orientação de Niblock foram beneficiários da Bolsa, que tem lugar em Nova Iorque, criativos como Rafael Toral, Manuel Mota, Margarida Garcia, João Paulo Feliciano, David Maranhã, Adriana Sá ou André Gonçalves, entre outros.

Entre todas as suas múltiplas áreas de actividade Phill Niblock trabalhou com Sun Ra, Arthur Russell, Thurston Moore ou Jim O'Rourke, passando por espaços performáticos e expositivos como o MoMA, a Kitchen ou a Serpentine Gallery.

Esta actuação para leitor de CD, computador, mesa de mistura e quatro colunas distribuídas pelos cantos do espaço da Culturgest Porto, irá focar-se em peças que Niblock compôs nos últimos doze anos. A acompanhar as mesmas estará a projecção do trabalho documental *The Movement of People Working*, feito principalmente a partir de filmagens de trabalhadores em cenários rurais na China, em Portugal e no Lesoto.

Phill Niblock's career in music, film and video spans more than 50 years. Focusing on microtones and psychoacoustics, he creates long pieces that explore continuous and manipulated frequencies.

He runs the Intermedia Foundation, and thanks to his contacts with Ernesto de Sousa, scholarships have been awarded to Portuguese intermedia artists since 1992. Niblock has worked with Sun Ra, Arthur Russell, Thurston Moore and Jim O'Rourke, and has performed or exhibited at MoMA, the Kitchen and the Serpentine Gallery.

This performance for CD player, computer, mixing desk and speakers will feature compositions from the last 12 years. The documentary *The Movement of People Working* will also be shown.

www.phillniblock.com
www.intermediafoundation.org

Comunidade de Leitores

O Medo e a Audácia

por Helena Vasconcelos



Francisco de Goya y Lucientes, *El sueño de la razón produce monstruos*. 1810-1814 · Gravura (pormenor)

LEITURAS

QUINTAS-FEIRAS
20 DE JANEIRO
3 E 17 DE FEVEREIRO
17 E 31 DE MARÇO
14 DE ABRIL

Sala 1 · 18h30
Inscrições até 13 de Janeiro
(limite 40 pessoas) na
bilheteira da Culturgest,
pelo telf. 21 7905155, pelo
fax 21 7905154 ou pelo e-mail
culturgest.bilheteira@cgd.pt

20 de Janeiro
A Insígnia Vermelha
da Coragem
Stephen Crane, Ed. Vega

3 de Fevereiro
O Deus das Moscas
William Golding
Ed. Dom Quixote

17 de Fevereiro
A Vida em Surdina
David Lodge, Ed. Asa

17 de Março
A Boa Vida
Jay McInerney, Ed. Teorema

31 de Março
Nunca me Deixes
Kazuo Ishiguro, Ed. Gradiva

14 de Abril
A Volta do Parafuso
Henry James,
Ed. Relógio D'Água

O medo é uma constante da vida, tanto nos seres humanos como nos animais. (Há quem defenda que até as plantas experimentam medo). Nos animais, o medo funciona como um sinal de alarme perante perigos reais, levando-os a pôr em marcha os seus mecanismos de defesa. E quanto aos seres humanos? Numa sociedade urbana, laica e racionalista, as trevas foram afastadas e o inferno é experimentado em vida e não como promessa de castigo divino depois da morte. Até mesmo as velhas superstições – quem, hoje em dia, não sai de casa numa sexta-feira, 13 – têm sido relegadas para o quase esquecimento. No entanto, o que poderá acontecer quando desaparecem as regras civilizacionais que damos como certas e nos vemos confrontados com a Natureza em toda a sua selvajaria – como acontece com os rapazes de *O Deus das Moscas* – ou nos encontramos num cenário de guerra como o assustado soldado de *A Insígnia Vermelha da Coragem* de Stephen Crane? Em contrapartida, numa sociedade dita “pacífica” mas fortemente preocupada com a segurança, monitorizada por redes de vigilância, despudoradamente esquadrihada graças às tecnologias da comunicação, porque continuamos a sentirmo-nos ameaçados? E quais os receios que mais nos atormentam? Certamente o das doenças e do envelhecimento, como acontece com o personagem principal de *A Vida em Surdina* de David Lodge; mas, também, com o possível descontrolo no âmbito das experiências científicas, uma questão perturbadora que se encontra no âmago de *Nunca me Deixes* de Kazuo Ishiguro, onde também se fala de afectos e do pavor de perder entes queridos; esta questão remete-nos para este nosso tempo, no qual convivemos intensamente com o terror público, aleatório, cruel. O ataque de 11 de Setembro, 2001, teve consequências que ainda estão por apurar – e o nova-iorquino Jay McInerney não se coíbe de as aprofundar em *A Boa Vida*. Finalmente, como lidar com o medo do inexplicável como acontece na arrepiante novela de Henry James, *A Volta do Parafuso*, um digno representante da Literatura dita de terror?

Será que, através destas obras, poderemos encontrar resposta para a razão dos nossos medos e alicerçar a nossa audácia?

In most animals fear is a defence mechanism. And in humans? In our rational society hell is experienced in life and not after death, and even old superstitions are almost forgotten. But what happens when savagery returns, such as in *Lord of the Flies*, or *The Red Badge of Courage*?

And yet in a “peaceful” society concerned with security and monitored by CCTV, why do we feel threatened? What fears torment us? Old-age ailments, yes, as portrayed by David Lodge; but also out-of-control science, as examined by Kazuo Ishiguro. The repercussions of the 9/11 attacks are still not fully understood, as Jay McInerney shows in *The Good Life*. And how do we deal with fear of the unknown, as in Henry James’s *The Turn of the Screw*?

Trompe le Monde de Márcia Lança & Nuno Lucas



© Márcia Lança

DANÇA

SEX 21, SÁB 22
DE JANEIRO

Palco do Grande Auditório
21h30 · Duração aproximada:
50 minutos · M12 · 15 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros

No dia 22, após o espetáculo,
haverá uma conversa com os
artistas na Sala 1.

Coreografia e performance Márcia Lança e Nuno Lucas
Desenho de luz Alexandre Coelho **Som** Olivier Renouf
Colaboração Pedro Paiva **Produção executiva** Sérgio Parreira
Co-Produção VAGAR e Culturgest **Apoios** ACCCA, Bomba
Suícida, Grupo Sportivo Adicense, Teatro Viriato, BLOODYMARY
& BRAUN, Tanzwerkstatt – Berlim, ZDB – Negócio
Apoio à Residência GDA – Gestão dos direitos dos artistas

Trompe le Monde é um movimento permanente de reinvenção, de descoberta, de abertura a novos lugares. Dá a ver – sugerindo, afirmando, revelando – o invisível. Assumindo uma ingenuidade infantil no fazer crer, no fazer de conta, no fazer desaparecer e aparecer, pretendemos fazer sonhar. Temos que fechar os olhos para ver. A ideia é imaginar.

Trompe le Monde utiliza truques e efeitos mas com moderação. *Trompe le Monde* propõe um espaço de silêncio para o olhar. A escuta como passagem para o pensar. O maravilhoso mundo do não dito.

Trompe le Monde é o lugar onde se passa o tempo, uma espécie de tempo difícil de nomear, suspenso entre a vida e a morte.

Trompe le Monde é a arte de coreografar o imaginável.

Márcia Lança estudou no Chapitô, no c.e.m., no Fórum-Dança, na SNDO em Amesterdão e fez ex.e.r.ce 05 no CCN de Montpellier. Foi intérprete e colaborou com os coreógrafos João Fiadeiro, Cláudia Dias e Olga Mesa. É autora de *Morning Sun* (2009) e de *Dos joelhos para baixo* (2006), solo que recebeu o primeiro prémio do Programa Jovens Artistas Jovens. Estuda Antropologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa.

Nuno Lucas estudou no Fórum Dança e foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian durante a formação ex.e.r.ce no CCN de Montpellier. Trabalhou com muitos artistas, destacando a sua experiência como intérprete com Miguel Pereira e o seu encontro com Meg Stuart. Criou *What can be shown cannot be said* e *Self-portrait as a dancer* (2007). Em colaboração com Hermann Heisig concebeu e interpretou *Pongo Land* (2008) e *What comes up, Must go up* (2009), este último com Irina Müller. É licenciado em Economia pela Universidade Nova de Lisboa.

Trompe le Monde is a movement of reinvention. It takes on a child-like naïvety in its desire to make people dream and imagine. It uses tricks and effects, but moderately. It involves the passage of time, but a time that is hard to describe, suspended between life and death. It is the art of choreographing the imaginable.

Márcia Lança studied dance in Portugal, France and Holland. She wrote *Morning Sun* and *Dos joelhos para baixo*, and studies anthropology in Lisbon.

Nuno Lucas studied in Portugal, France and Germany. He co-wrote and performed *Pongo Land* with Hermann Heisig, and is an economics graduate by Universidade Nova de Lisboa.



Steve Lehman Octet



JAZZ

QUA 26 DE JANEIRO

Grande Auditório

21h30 · Duração: 1h30

M12 · 20 Euros

Até aos 30 anos: 5 Euros

Música de uma importância genuinamente visionária, um percurso progressista para a arte. Penguin Guide to Jazz

O pensamento mais avançado em termos de composição de jazz dos dias de hoje. Philadelphia Weekly

A música é extraordinária. All Music Guide

Um feito de cortar a respiração. CD #1 Jazz/Pop de 2009. NY Times

Soberbo... cativante desde o primeiro momento... perfeitamente ultramoderno. NY Times

4.5 estrelas...! Downbeat Magazine

Uma nova e grandiosa voz no Jazz. BBC Rádio

Graças ao seu pioneirismo, o saxofonista Steve Lehman tem remodelado o som do jazz avant-garde ao longo da maior parte da década. Flavorpill

Um dos saxofonistas mais notáveis que se revelou nos últimos 10 anos. Signal to Noise

Uma das vozes saxofonistas mais empolgantes da cena actual. The Wire

Saxofone alto Steve Lehman **Trompeta** Jonathan Finlayson
Saxofone tenor Mark Shim **Trombone** Tim Albright **Tuba** Dan Peck
Vibrafone Chris Dingman **Contrabaixo** Drew Gress
Bateria Tyshawn Sorey

A nova formação de Steve Lehman foi, talvez, a maior surpresa do jazz nova-iorquino em 2009 e o CD então publicado, *Travail, Transformation, and Flow*, transitou de imediato para o topo das listas de melhores do ano em todo o mundo, Portugal incluído, entre revistas (*NY Times*, *Village Voice*, etc.), websites (All About Jazz, etc.) e blogues. Na *jazz.pt*, foi uma das primeiras escolhas dos redactores, tendo merecido a pontuação máxima na secção de crítica. A proposta apresentada pelo saxofonista e compositor justificou-o plenamente: com base numa construção rítmica que vai beber ao *hip-hop* e ao *drum'n'bass*, seguindo as premissas do colectivo M-Base que tanto marcaram Lehman (e que passam pela inclusão de elementos das músicas populares de raiz afro-americana na gramática jazzística), o que está em causa neste disco é a aplicação dos recursos harmónicos do espectralismo, na particular visão dos compositores contemporâneos Tristan Murail e Gérard Grisey. A música espectral caracteriza-se pelas suas harmonias microtonais, calculadas segundo relações de frequências e não de acordo com os convencionais intervalos da escala musical, e esta foi a primeira vez que o jazz aproveitou tais recursos. Se na música do Steve Lehman Octet é evidente a influência de obras pioneiras da história do jazz como *One Step Beyond* de Jackie McLean e *Evolution* de Grachan Moncur III, ligando-a ao natural fluxo de uma tradição, com este projecto o seu líder abriu uma nova etapa para o futuro deste género musical. A oportunidade de ver e ouvir estes músicos, considerados como a nata da cena da Big Apple - além de Lehman, Jonathan Finlayson, Mark Shim, Tim Albright, Chris Dingman, Dan Peck, Drew Gress e Tyshawn Sorey -, suscita, assim, as mais entusiásticas expectativas. Vamos poder assistir a uma das maiores - senão mesmo a maior - inovações do jazz nas últimas décadas, em directo e ao vivo.

Steve Lehman's new group may have been the New York jazz scene's biggest surprise of 2009, and the CD *Travail, Transformation, and Flow* was one of the best of that year. Saxophonist and writer Lehman draws on hip-hop and drum'n'base rhythms. The CD uses the harmonic approach of spectralism, developed by Tristan Murail and Gérard Grisey, in which the musical spectrum is broken down into microtonal harmonies, calculated according to frequency relationships rather than the normal musical scale. It is the first time jazz has taken this approach.

Performing this great jazz innovation live with Lehman will be Jonathan Finlayson, Mark Shim, Tim Albright, Chris Dingman, Dan Peck, Drew Gress and Tyshawn Sorey.

Hootenanny

Comissário:
Ruben de Carvalho

MÚSICA/CINEMA

DE SÁB 29 DE JANEIRO
A SEX 4 DE FEVEREIRO

Num momento inspirado, o compositor Willie Dixon afirmou um dia que «os blues são actualmente uma espécie de documentário sobre o passado e o presente – e qualquer coisa que dá às pessoas inspiração para o futuro». É difícil melhor explicar porque, de novo, Hootenanny é dedicada aos blues.

Percorrer o último século da música popular norte-americana – e não apenas nas suas expressões mais genuínas, mas também nas mais comerciais – é inevitavelmente encontrar em cada momento a influência da mais original criação musical dos Estados Unidos. No jazz, tal ligação é inteiramente transparente e não apenas no percurso de criação e desenvolvimento: os blues constituem assumidamente um eterno retorno cada vez que os seus intérpretes e criadores sentem a necessidade de uma evolução, verificam um impasse nos caminhos percorridos. Mas este papel constantemente revitalizador dos blues não pode ser separado do facto de que eles próprios mantêm uma especificidade própria, um percurso autónomo igualmente em permanente renovação e gestação.

No que se refere à música de expressão branca, mesmo nos mais sombrios tempos de segregação, a sonoridade afro-americana sempre surgiu inquestionável, de George Gershwin à Broadway, de Tin Pan Alley às tradições dos Apalaches e nem a *country* de Nashville ilude essa influência. E isto para não falar do rock and roll (esse «rhythm & blues tocado por brancos», como lhe chamou Chuck Berry...) e da constante influência (mais ou menos evidente, não apenas nos EUA, mas um pouco por todo mundo) em todas as evoluções da música popular.

Assim, em rigor, e de sons populares norte-americanos se tratando, talvez não seja inteiramente exacto dizer que, em Fevereiro na Culturgest os blues regressam ao Hootenanny: em rigor sempre lá estarão!

Willie Dixon once said that the blues are a kind of documentary about the past and present, and they give people inspiration for the future. Nothing could explain better why this year's Hootenanny is again dedicated to the blues.

Any examination of American popular music over the last century inevitably leads back to that country's most original musical creation. With jazz the link is clear: jazz players always

return to the blues when they reach an impasse or need to progress. In white music, even during segregation, the blues could be heard in Gershwin, Tin Pan Alley, bluegrass and country – not to mention rock and roll and all other popular music. That is why the blues will be back at Culturgest in February!

Luther “Guitar Junior” & The Magic Rockers

MÚSICA CICLO HOOTENANNY

SÁB 29 DE JANEIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h20

M12 · 18 Euros

Até aos 30 anos: 5 Euros

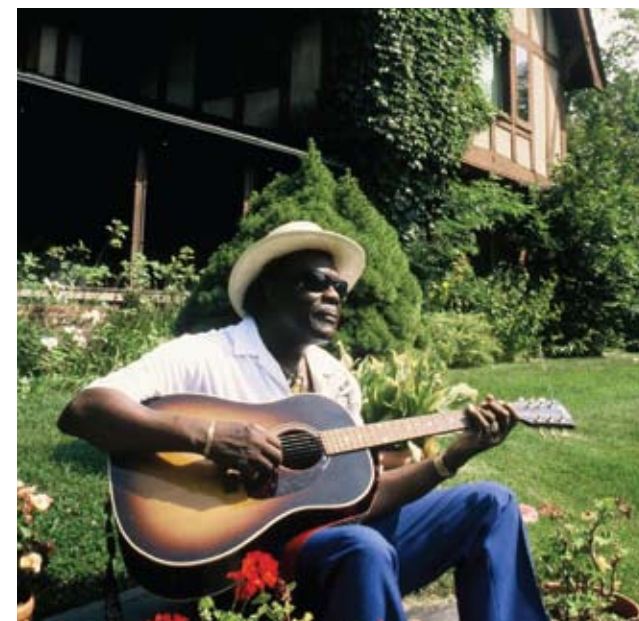
Guitarra Luther Johnson
Bateria Ralph Penn Kimble, Jr.
Saxofone Lynwood Cooke
Guitarra baixo Kenneth Lane
Bleckley **Guitarra** John Talbot
Ward

É do inesgotável filão do West Side de Chicago que virá o primeiro espectáculo do Hootenanny de 2011: Luther Johnson, que ganhou para sempre o nome de Luther “Guitar Junior” Johnson por não ter ainda 20 anos quando, ainda na década de 50 do século passado, assinou, pela mão de Magic Sam, o seu primeiro contrato como músico. Nascido no Mississipi em 1939, fez com a sua família a viagem para o Norte que criou o pujante universo afro-americano de Chicago onde, durante oito anos – de 1972 a 1980 – integrou a lendária formação de Muddy Waters. Com a própria banda que depois constituiu, os Magic Rockers, percorreu os Estados Unidos e todo o mundo em

sucessivas digressões que consagraram a sua técnica de guitarrista e a expressividade da sua voz. Gravou e viria ser galardoado com o Grammy de Best Traditional Blues Album em 1985, prémio para que seria novamente nomeado em 1999.

Hootenanny 2011's first act comes from West Side Chicago. Luther Johnson has never lost his “Guitar Junior” nickname, which he gained in the 1950s when he signed his first recording contract before he was 20. Born in Mississippi in 1939, his

family moved north to Chicago where, from 1972 to 1980, he played in the legendary Muddy Waters' band. Later, with his guitar technique and expressive voice he toured the US and the rest of the world with his own band, the Magic Rockers. His 1985 album won a Grammy for Best Traditional Blues Album, and he won the same award again in 1999.



Guy Davis

Routes/roots of the blues

MÚSICA CICLO HOOTENANNY

SEG 31 DE JANEIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h20
M12 · 5 Euros (preço único)

Guitarra Guy Davis

O palco, a música e o empenhamento cívico acompanham Guy Davis desde o berço: é filho dos actores Ossie Davis e Ruby Dee, amigos pessoais de Martin Luther King (Ossie foi o orador da homenagem em Central Park, Nova Iorque, prestada no dia seguinte ao assassinato), Malcolm X e Jesse Jackson.

Actor, músico, cantor e, sobretudo, *bluesman*, Guy nasceu em 1952, é um autodidacta da guitarra (e também do banjo) e a sua carreira de actor tornou-se particularmente notada quando representou o papel do lendário criador de blues na peça Off-Broadway *Robert Johnson: Trick the Devil* que lhe mereceu em 93 o prémio Keeping the Blues Alive, da Blues Foundation.

Guy Davis, que actua normalmente a solo, integra-se na herança de músicos como Leadbelly e Sonny Terry, *bluesmen* com pontes estabelecidas

para a folk branca: o seu último CD tem o título de um clássico de Bob Dylan (*Sweetheart Like You*) e foi um dos participantes no recente espectáculo de homenagem aos 90 anos de Pete Seeger.

The stage, music, and civic action have always been with Guy Davis. He is the son of actors Ossie Davis and Ruby Dee, friends of Martin Luther King (Ossie paid tribute to him in New York's Central Park the day after he was killed), Malcolm X and Jesse Jackson.



© Anike Robinson

Guy is an actor, musician, singer and bluesman, born in 1952. He taught himself guitar, and as an actor he came to prominence playing the lead role in the off-Broadway production *Robert Johnson: Trick the Devil*, for which he won the 1993 Keeping Blues Alive award.

He normally plays solo, in the tradition of Leadbelly and Sonny Terry. His latest CD is named after the Dylan classic *Sweetheart Like You*, and he recently performed at Pete Seeger's 90th birthday show.

Phil Wiggins Duo

MÚSICA CICLO HOOTENANNY

TER 1 DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h20
M12 · 5 Euros (preço único)

Harmónica Phil Wiggins
Guitarra Reverendo John Wilkins

Uma das sonoridades mais característica – e socialmente significativa – dos blues é a que resulta da verdadeira reinvenção da modesta e aparentemente simples harmónica vocal, a *blues harp*. Phil Wiggins é considerado um dos actuais virtuosos da peculiar expressividade de um instrumento inseparável do caminho percorrido pelos blues desde o Delta até aos palcos contemporâneos. Além de talentoso compositor, é também actor, participando nomeadamente no filme de John Sayles *Matewan* (1987), sobre a «batalha de Blair Mountain», o maior levantamento armado dos mineiros norte-americanos, em 1921.

Embora integrando outras formações, Phil Wiggins apresenta-se habitualmente em duo, sendo, no seu espectáculo no Hootenanny, acompanhado por Reverend John

Wilkins, guitarrista e cantor na interessantíssima linha dos intérpretes afro-americanos simultaneamente ligados à música e ao seu ministério religioso.

One of the blues' most characteristic and socially significant sounds is their reinvention of the harmonica. Phil Wiggins is a virtuoso of this highly expressive instrument, which is inseparable from the history of the blues from the Delta to today's stage. As well as being a talented composer, he is also

an actor, and most notably appeared in John Sayles's 1987 film *Matewan* about the "battle of Blair Mountain", an armed rising of American miners in 1921.

Although he plays in other bands, normally Phil Wiggins performs as part of a duo. At the Hootenanny, he will be joined by the Reverend John Wilkins, a guitarist and singer, and one of a fascinating line of American performers linked both to music and religion.



© Tina Poffenbaugh Terry

Bernardo Sasseti

The Blues

MÚSICA/CINEMA CICLO HOOTENANNY

QUI 3 DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h20
M12 · 5 Euros (preço único)

Piano Bernardo Sasseti

A componente do Hootenanny que tem contado com imagens e palavras terá este ano expressão inteiramente nova: Bernardo Sasseti comentará (ao microfone – e ao piano) trechos por ele seleccionados da interessantíssima série *The Blues* de Martin Scorsese.

Mais do que apenas um concerto, procurou-se realizar um percurso por aspectos do jazz que especialmente têm interessado o pianista português: as raízes africanas, o diálogo do jazz com outras culturas, a constante presença dos blues e a determinante “invenção” afro-americana das *notas blue* resultantes do encontro entre as escalas pentatónica africana e diatónica europeia alures pelos séculos XVIII-XIX nos campos de algodão de colheita escrava.

A recuperação por Scorsese e os outros realizadores que convidou de sons e imagens históricos proporcionará a Bernardo Sasseti um invulgar

e seguramente muito interessante diálogo em palavras e música.

The Hootenanny element that combines images and words will be different this year: Bernardo Sasseti will comment (on microphone and piano) on excerpts which he has chosen from Martin Scorsese's fascinating series *The Blues*.

This will be more than a concert: Portuguese pianist Sasseti will look at elements of jazz that especially interest him: its African roots, its dialogue with other cultures, its pervasive blues element, and the decisive “invention” of the “blue note” somewhere in the cotton



© Beatriz Batarida

fields, arising from a combination of African pentatonic and European diatonic scales.

The work of Scorsese and others will enable Sasseti to create an interesting and unusual dialogue in words and music.

Agradecimento:
Lusomundo

Davell Crawford

Organ Trio

MÚSICA CICLO HOOTENANNY

SEX 4 DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h20
M12 · 5 Euros (preço único)

Voz, piano, Órgão Hammond B-3 Davell Crawford
Órgão Hammond B-3,
Saxofone Thaddeus Richard
Bateria Joseph Dyson

O jovem pianista e vocalista de New Orleans Davell Crawford («the Prince of New Orleans», como é habitualmente chamado na imprensa local!) deixou-se fascinar por um instrumento que resiste hoje quase só nos blues, o lendário órgão Hammond B-3.

Inventado por Laurens Hammond em 1934, o novo instrumento, pese a sua complexidade de execução, teve mais impacto na área música popular e da rádio do que nos ofícios religiosos, embora tenha desempenhado importante papel nas igrejas militares durante a II Guerra, o que muito contribuiria para a sua divulgação fora dos EUA.

Davell Crawford recebeu o seu primeiro teclado com onze anos, oferecido pelo seu pai, músico de R&B de New Orleans. Claramente influen-

ciado pelos Delta Blues do professor Longhair e James Booker, desenvolveu uma notável maestria no piano, simultaneamente com uma expressividade vocal temperada numa jamais abandonada presença no *gospel*.

No Hootenanny será acompanhado pela bateria de Joseph Dyson e o saxofone de Thaddeus Richard (também no B-3 quando Crawford regressa ao seu piano para cantar).

Young New Orleans pianist and vocalist Davell Crawford is fascinated by an instrument now almost only heard in the blues: the Hammond B-3 organ. Invented by Laurens Hammond

in 1934 and produced by the Hammond Suzuki Co., it had a greater impact on popular music and the radio than in church, although it was widely used in US army churches during World War Two, which was how its fame spread beyond the United States.

Davell was given his first keyboard at the age of 11 by his father, an R&B musician. Influenced by the Delta blues of Professor Longhair and James Booker, he became a masterful pianist, and has an expressive gospel-influenced voice. He will be joined by drummer Joseph Dyson and saxophonist Thaddeus Richard.



O Fascínio da Economia

por João Ferreira
do Amaral



CONFERÊNCIAS

TERÇAS-FEIRAS
8, 15, 22 DE FEVEREIRO
E 1 DE MARÇO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita
Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

É inegável o fascínio com que hoje são encarados os fenômenos económicos, bem traduzido no largo espaço a eles reservado nos grandes meios de comunicação. Tudo parece ser Economia, a todos ela parece condicionar. E, no entanto, tal fascínio coexiste – porventura de forma surpreendente – com uma generalizada iliteracia económica. Será que a Economia se impõe ao Homem ou será possível pô-la ao seu serviço? E o que se deve entender por serviço do Homem? Tudo é “económico”? Sabemos nós explicar por que razão há economias que prosperam e outras que estagnam? Porque é que certas empresas se desenvolvem e outras vão à falência? Até que ponto sabemos prever crises económicas? E será que elas são inevitáveis? Que fazer para combater o desemprego? Quais serão as consequências económicas da aceleração da globalização? E do envelhecimento da população?

Com estas e muitas outras questões relativas à Economia, nos confrontamos a toda a hora, mesmo que disso não tenhamos consciência. Muitos sentem-se derrotados nesse confronto.

As conferências não têm a pretensão de dar uma resposta única e definitiva a todas estas questões. A sua intenção é outra: é a de fornecer, a quem não é economista, os meios de compreensão necessários para lhe permitir formular uma opinião mais fundamentada da real importância das questões, da medida em que a ciência económica as sabe resolver e dos motivos pelos quais, para alguns problemas, ela não encontra respostas satisfatórias.

João Ferreira do Amaral é Doutor em Economia, Professor catedrático aposentado do ISEG, Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa. Autor dos livros *Curso Avançado de Análise Económica Multi-sectorial*, *Política Económica* e *Economia da Informação e do Conhecimento*.

We are fascinated by economics – just look at the media coverage it receives – and yet most of us are economically illiterate. Does economics rule us, or can we turn it to our use? And what does it mean to “turn it to our use”? Do we understand why some economies prosper while others stagnate? Why do some companies flourish while others fail? To what extent can we prevent economic crises? How do we fight unemployment? What are the economic consequences of increased globalization and an ageing population? These talks aim to help non-economists understand the issues.

João Ferreira do Amaral is a doctor of economics and professor at Lisbon Technical University, and is the author of two books on economic issues.

8 de Fevereiro
A Economia Ética: Bentham, Marx e Aristóteles

15 de Fevereiro
A Economia Positiva:
Microeconomia e
Macroeconomia

22 de Fevereiro
A Economia Normativa (I):
Política Económica e Gestão

1 de Março
A Economia Normativa (II):
O Estado, a Propriedade e o
Futuro da Economia

La casa de la fuerza de Angélica Liddell



© Angélica Liddell

TEATRO

SEX 11, SÁB 12
DE FEVEREIRO

Grande Auditório
20h30 · Duração: 5h00
M18 · 15 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros

Espectáculo em espanhol,
com legendas

Atenção ao horário:
este espectáculo começa às
20h30 e tem dois intervalos
(de 15 e 25 minutos).

Cinco horas [...] trabalhadas até à exasperação por uma vontade furiosa de compreender porque é que tudo corre tão mal.
Brigitte Salino, *Le Monde*,
13 de Julho de 2010

Há em Angélica Liddell qualquer coisa da penitente e mais ainda da carpideira antiga. E pode ver-se La casa de la fuerza como uma cerimónia às mortas, um ritual cuidadosamente orquestrado para arcar com a infelicidade do mundo, um modo de reabrir as feridas antes de eventualmente voltar a fechá-las.
René Solís, *Libération*,
12 de Julho de 2010

Encenação Angélica Liddell **Interpretação** María Morales, Lola Jiménez, Getsemaní de San Marcos, Angélica Liddell, Perla Bonilla, Cynthia Aguirre e María Sánchez **Violoncelo** Pau de Nut **Mariachis** Orquesta Solís **Campeão de Strongman de Espanha** Juan Carlos Heredia **Figurinos** Josep Font e Angélica Liddell **Desenho de luz** Carlos Marquerie **Som** Felix Magalhães **Assistente de produção** María José Fernández **Produção executiva** Gumersindo Puche **Uma produção** Teatro de La Laboral, Comunidad de Madrid e Iaquinandi S.L. **Co-produção** Centro Párraga e Festival de Outono da Comunidad de Madrid **Colaboram** Entrepiernas Producciones (México) **Estreia** 16 de Outubro de 2009 no Teatro de la Laboral, Gijón

No dia 2 de Outubro de 2008, dia do meu aniversário, sentia-me mal, estava fodida com o passar do tempo, e já tinha plena consciência de que tinha perdido tudo o que amava ou tinha amado. Estava assustada, furiosa e triste. Tinha praticamente deixado de ler e escrever. Nesse mesmo dia, 2 de Outubro, inscrevi-me num ginásio, o lugar da força e da resistência, em busca de um tipo qualquer de contradição ou alívio. E ali começou *La casa de la fuerza*. Descobri que a extenuação física me ajudava a suportar a derrota espiritual. Esgotava-me. Eram exercícios de preparação para a solidão. [...]

Um dia em que estava a escrever na cinemateca, o auto-engano das três irmãs de Tchekhov retumbou como uma estalada sideral. “É preciso trabalhar”, dizia Irina, “É preciso trabalhar”. O trabalho revelava-se como uma forma de aniquilação. Para além disso, a segunda viagem ao México foi definitiva. Com efeito, ali até o comentário mais banal culmina em acção. Do mesmo modo que as piadas de judeus culminam em Auschwitz, as rotinas de desprezo pela mulher culminam no feminicídio. A humilhação quotidiana culmina nas mortas de Ciudad Juárez, Chihuahua, e em leis deterioradas pela misoginia. [...]

Angélica Liddell

Angélica Liddell fundou em 1993 Atra Bilis Teatro, com a qual montou, entre muitos outros, os espectáculos *Hysteria Passio* (2003), *Y los peces salieron a combatir contra los hombres* (2003), *El año de Ricardo* (2005), *Perro muerto en tintorería: los fuertes* (2007) e *Te haré invencible con mi derrota* (2009). É presença regular no festival Citemor. Vem pela primeira vez a Lisboa com o espectáculo que marcou o Festival de Outono de Madrid 2009 e Avignon 2010.

Angélica Liddell: “On 2 October 2008, my birthday, I felt bad, I was fucked off with the passing of time, and I was well aware that I had lost everything that I loved or had loved. [...] I joined a gym, a place of strength and resistance, looking for any kind of contradiction or relief. And that was where *La casa de la fuerza* began. I discovered that physical exhaustion helped me to bear spiritual defeat.” Liddell is a regular presence at Portugal’s Citemor festival with her Atra Bilis company.

Pop Dell'Arte

MÚSICA

QUI 17 DE FEVEREIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
M12 · 20 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros



© Joaquim Pinto/ Nuno Leonel

Voz João Peste Baixo Zé Pedro Moura Guitarra Paulo Monteiro
Bateria Nuno Castedo Percussão e programações Eduardo Vinhas

Os Pop Dell'Arte nasceram em Campo de Ourique em 1985. Da sua formação inicial mantêm-se o vocalista João Peste e o guitarrista Zé Pedro Moura (Paulo Monteiro juntou-se em 1995, Nuno Castelo surgiu em 2002 e Eduardo Vinhas em 2007).

Nesse mesmo ano, apresentaram-se ao 2º concurso de música moderna do Rock Rendez-Vous, na altura um grande acontecimento e rampa de lançamento para a maioria das bandas rock dos anos 80. Não tiveram o primeiro prémio mas recolheram o prémio de originalidade. Desde então, ao longo destes 25 anos de carreira, com formações diferentes, se têm mantido como uma das bandas mais revolucionárias, mais inovadoras da pop portuguesa. Em constante reinvenção, mas sempre mantendo uma sólida identidade.

As suas gravações foram, todas elas, recebidas com os maiores elogios da crítica. Os seus discos eram presença constante nas listas dos melhores álbuns portugueses de sempre ou das décadas respectivas da música portuguesa. Várias vezes foram considerados como a melhor banda do ano, e as suas aparições ao vivo foram enormes sucessos. Houve anos que pararam, mas logo renasciam, com a força de sempre.

Em 2010, completaram 25 anos e gravaram *Contra Mundum*, 15 anos depois do seu último CD de longa duração com originais. A edição do disco foi um acontecimento, celebrado por toda a comunicação social. Os elogios foram unânimes e enfáticos. Vamos ouvi-los ao vivo num espectáculo que, como todos os seus espectáculos, ficará na memória de quem a ele assistir.

Pop Dell'Arte were formed in Lisbon in 1985, and original members João Peste and Zé Pedro Moura are still with the band today. Over the years they have seen personnel changes but have remained one of the most innovative bands in Portuguese pop. All of their recordings have been critically acclaimed, and have regularly been listed amongst the all-time best Portuguese albums. They have often been voted band of the year, and their live performances have been a huge success.

On their 25th anniversary in 2010 they released *Contra Mundum*, 15 years after their last CD of original songs. The release was a great media event, and the CD was enthusiastically received. Their live show is certain to be unforgettable.

You taste like a song

Júlio Resende Trio

Convidado especial

Matt Penman



© Nuno Martins

JAZZ

SEX 18 DE FEVEREIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração aprox. 1h15
M12 · 15 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros

No final do concerto os músicos estarão disponíveis para uma sessão de autógrafos.

Piano Júlio Resende **Contrabaixo** Matt Penman **Bateria** Joel Silva

Um jazz de forte pendor lírico e ao mesmo tempo actual, como o de Júlio Resende, pede o envolvimento de músicos que tenham uma percepção contemporânea do uso da melodia e da introspecção exploratória dos temas, mas que ao mesmo tempo apresentem alguma cruza e simplicidade de processos. Com este novo disco, *You taste like a song*, Resende, que é já um dos mais notáveis pianistas do jazz nacional, juntando-se a Bernardo Sasseti, Mário Laginha e João Paulo Esteves da Silva, cumpre um dos maiores desafios de qualquer pianista, o trio piano-contrabaixo-bateria, que tantas e incríveis formações deu a conhecer ao Jazz, como Bill Evans com Scott LaFaro e Paul Motian e continuado por Keith Jarrett com Gary Peacock e Jack DeJohnette. Mas o trio de Júlio Resende tem contornos muito próprios e completamente derivados dos muitos universos musicais que Resende conhece, do jazz ao rock. Deste trio poder-se-á esperar uma dimensão melódica bem desenhada, um balanceamento agitado e *groovy*, improvisações livres, até audazes, e uma procura da beleza que é claramente de influência clássica. As expectativas são mais do que muitas. www.julioresende.com

Júlio Resende estudou com Zé Eduardo, Rodrigo Gonçalves, Mário Laginha e Pedro Moreira e participou em vários *workshops* com grandes mestres internacionais. Os seus discos *Júlio Resende - Da Alma* (2007) e *Assim falava Jazzatustra* (2009) foram considerados pela crítica especializada como dos melhores discos do ano. Para além do seu 4teto, integra o projecto Ogre de Maria João e o grupo Happennig com Carlos Bica, João Paulo, Luís Cunha e João Lobo.

Matt Penman é membro da SFJazz Collective, faz parte do quarteto James Farm, actua regularmente com John Scofield no seu trio e em quarteto com Joe Lovano. Trabalhou, entre muitos outros, com John Taylor, Kurt Rosenwinkel, Chris Cheek, Fred Hersch ou Madeleine Peyroux.

Joel Silva estudou percussão na Escola de Música do Orfeão de Leiria e, mais tarde, licenciou-se no curso de jazz da ESMAE. Tem tocado com músicos como Carlos Barretto, Yuri Daniel, Claus Nymark, Mário Franco, Bob Sands, Kristin Korb, André Fernandes, Demian Cabaud, Perico Sambeat, Baptiste Trotignon, Mário Delgado, Maria João e muitos outros. Tem participado em vários festivais de jazz nacionais e internacionais.

Contemporary jazz with a strong lyrical flavour needs musicians with a modern understanding of melody and an ability to explore, but who also exhibit rawness and simplicity. For his new CD, *You taste like a song*, Júlio Resende, one of Portugal's leading jazz pianists, on a par with Bernardo Sasseti, Mário Laginha and João Paulo Esteves da Silva, takes on one of the greatest challenges for any pianist: a piano/bass/drum trio. Resende's trio is inspired by his many different musical universes, ranging from jazz to rock.

Luísa Tender e Jill Lawson

Duo de pianos

Ciclo
Concertos no Palco



MÚSICA

SÁB 19 DE FEVEREIRO

Palco do Grande Auditório
18h00 · Duração aprox. 1h15
com intervalo · M12 · 10 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros

Piano Luísa Tender Piano Jill Lawson

Este recital reúne algumas das obras mais divulgadas do repertório para dois pianos e inclui uma composição recente de Fernando Lapa.

Tchaikovsky e Rachmaninov são dois dos maiores e mais célebres compositores russos dos séculos XIX e XX. O *Quebra Nozes*, do primeiro, foi parcialmente objecto de várias transcrições. Economou, compositor e pianista cipriota, reescreveu, para dois pianos, excertos desta obra que gravou com a pianista Martha Argerich. É essa transcrição que será interpretada neste recital.

A Suite n.º 2, op. 17 de Rachmaninov foi originalmente escrita para dois pianos. É uma das peças mais populares do repertório para esta formação, tendo sido escrita ainda na Rússia. Foi estreada em 1901 pelo autor e A. Siloti.

A *Valsa*, de Maurice Ravel (1875-1937) foi transcrita para dois panos pelo compositor. A partitura original, um poema coreográfico para orquestra que presta tributo à valsa e aos compositores vienenses que a exploraram, foi composta em 1919 e estreada em Paris em 1920.

Quadros de Agosto é uma obra recente de Fernando Lapa, nascido em Vila Real, um dos nomes mais importantes da música portuguesa contemporânea. É uma das poucas composições portuguesas da nossa época originalmente escritas para dois pianos. Mais do que uma obra virtuosística – como o são as restantes que compõem este recital – explora a beleza tímbrica do instrumento através de uma escrita sóbria e simultaneamente ousada.

Luísa Tender estudou na ESMAE do Porto com Pedro Burmester, na Universidade de Califórnia, no Royal College of Music em Londres, na École Normale de Musique de Paris. Tem-se apresentado como solista ou em música de câmara nas mais prestigiadas salas nacionais, na Europa e no Brasil.

Jill Lawson nasceu no México e estudou em Antuérpia, Bruxelas, Amesterdão, Baltimore. Laureada com vários prémios, a sua carreira tem-na levado pela Europa e EUA.

Programa

Piotr Tchaikovsky (1840-1893)
O Quebra Nozes, transcrição de excertos para dois pianos de Nicolas Economou

Maurice Ravel (1875-1937)
La Valse, transcrição do compositor

Fernando Lapa (1950)
Quadros de Agosto

Sergei Rachmaninov (1873-1943)
Suite n.º 2, op. 17

Cypriot composer Economou transcribed Tchaikovsky's *Nutcracker* for two pianos. Rachmaninoff's *Suite no. 2, Op. 17* was originally written for two pianos, and first performed in 1901. Ravel transcribed his own 1919 *Waltz* for two pianos. *Quadros de Agosto* is a recent piece by Fernando Lapa, one of Portugal's top composers, that explores the timbre of piano. These pieces will be performed by Tender and Lawson.

Luísa Tender studied in Oporto, the US, the UK and France. She has performed in Europe and Brazil and recorded two CDs.

Jill Lawson is from Mexico and studied in Antwerp, Brussels, Amsterdam and Baltimore. She has won several awards, performed solo, and as a soloist with orchestras in Europe and the US.

Portrait Steve Reich I

Remix Ensemble

Casa da Música



MÚSICA

SEG 21 DE FEVEREIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h15 com
intervalo · M12 · 10 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros

Direcção musical Bradley Lubman Violoncelo Filipe Quaresma

O Remix Ensemble Casa da Música é o agrupamento de música contemporânea da Casa da Música. Desde a sua formação, em 2000, já apresentou em estreia absoluta mais de 60 obras de compositores afamados, nacionais e estrangeiros. O ecletismo do seu repertório estende-se em incursões pela música cénica, acompanhamento de filmes, dança e jazz. Tendo sido dirigido por grandes maestros, já se apresentou, para além das salas principais do nosso país, em numerosas cidades europeias. Distinguido regularmente pela crítica nacional e internacional, editou sete discos. O seu maestro titular é Peter Rundell. Trata-se, sem dúvida, de um magnífico agrupamento, com uma firme reputação internacional, garante de um concerto de grande qualidade.

O programa desta noite, uma homenagem a Steve Reich, integra exclusivamente peças de autores norte-americanos. Inicia-se com uma obra de juventude de Charles Wuorinen, que o *New York Times* descreveu como o compositor que “fez a música dodecafónica cantar”. Figura cimeira do mundo musical dos EUA, foi o mais jovem compositor a ganhar o Pulitzer Prize de música. A sua escrita marca um efectivo contraste com a do minimalista Steve Reich, compositor da mesma geração mas que encontra nos seus conhecidos padrões repetitivos um meio de expressão para criar obras de efeito hipnótico. O mais ilustre seguidor da corrente minimalista criada por Reich é John Adams, um dos mais conhecidos e profícuos compositores da actualidade e cujos ritmos e acentuações extremamente dinâmicas dão um colorido muito característico à sua música, como acontece na *Sinfonia de Câmara*.

Remix Ensemble is the contemporary music ensemble of the Casa da Música. Since it was formed in 2000, it has debuted over 60 works by famous Portuguese and foreign composers. Its eclectic repertoire extends to film scores, dance and jazz. It has been conducted by great maestros, has played in numerous European cities, and has released seven CDs.

Tonight's programme pays homage to Steve Reich. The focus is on American composers, starting with an early piece by Charles Wuorinen, the youngest composer to win the Pulitzer Prize for music. His music contrasts with Steve Reich's minimalism, which creates hypnotic effects. His most illustrious disciple is John Adams, one of today's best-known composers.

Programa

Charles Wuorinen (1938)
*Concerto de câmara para
violoncelo e 10 instrumentos*

Steve Reich (1936)
City Lyfe

John Adams (1947)
Sinfonia de câmara

Si muero dejad el balcón abierto de Raimund Hoghe



© Rosa Frank

DANÇA

SEX 25, SÁB 26
DE FEVEREIRO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 3h00 com
intervalo · M12 · 18 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros

**Quarta-feira, 23 de Fevereiro,
18h30, Pequeno Auditório**
Palestra de Raimund Hoghe
sobre o seu trabalho, ilustrada
com projecção de vídeos
(falado em inglês)

Entrada gratuita (levantamento
de senha de acesso 30 minutos
antes da sessão, no limite dos
lugares disponíveis. Máximo
por pessoa: 2 senhas)

Conceito e coreografia Raimund Hoghe
Colaboração artística Luca Giacomo Schulte
Cenografia e figurinos Raimund Hoghe **Fotografia** Rosa Frank
Desenho de luz Raimund Hoghe, Arnaud Lavis **Som** Silas Bieri
Produção Arnaud Antolinos **Com** Ornella Balestra, Marion
Ballester, Astrid Bas, Lorenzo De Brabandere, Emmanuel
Eggermont, Raimund Hoghe, Yutaka Takei, Takashi Ueno, Nabil
Yahia-Aïssa **Textos** Federico Garcia Lorca, Johann Wolfgang von
Goethe, Hervé Guibert, Marguerite Duras, Heinrich Heine, Matthias
Claudius **Músicas** Johann Sebastian Bach, Henry Purcell, Camille
Saint-Saëns, Luigi Boccherini, Charlie Chaplin, cantos tradicionais
de Espanha e Itália, músicas populares
Músicas e textos interpretados por Kathleen Ferrier, Elly Ameling,
Peggy Lee, Klaus Nomi, Michael Jackson, Frank Sinatra, Mina,
Violeta Parra, Judy Garland, Dusty Springfield, Pablo Casals,
Andres Segovia, Marlène Dietrich, Maria Callas, The Doors, Dalida,
Serge Reggiani, Pier Angeli, Gigliola Cinquetti, Anna Magnani,
Domenico Modugno, Victoria de los Angeles, Hervé Guibert,
Elisabeth Flickenschildt e Oskar Werner **Produção** Cie Raimund
Hoghe (Düsseldorf-Paris) www.raimundhoghe.com
Co-produção Festival Montpellier Danse 2010, Les Spectacles
vivants - Centre Pompidou/Festival d'Automne à Paris,
Culturgest, Centre chorégraphique national de Franche-Comté
à Belfort no âmbito do acolhimento em estúdio, Ministère de la
Culture et de la Communication/DRAC Franche-Comté et de la
convention CulturesFrance/Conseil Régional de Franche-Comté,
Centre national de Danse contemporaine Angers, Le Vivat, Scène
conventionnée d'Armentières, Tanzhaus NRW **Apoio** Kulturamt
der Landeshauptstadt Düsseldorf, La Ménagerie de Verre (Paris)
no âmbito do Studiolab

A partir do propósito de homenagear Dominique Bagouet -
fundador do Centro Coreográfico de Montpellier e coreógrafo
protagonista da Nova Dança Francesa dos anos 1980,
prematuramente desaparecido - o último trabalho de Raimund
Hoghe (de quem a Culturgest apresentou, em anos recentes,
Young People Old Voices e *Swan Lake, 4 Acts*) desenvolve-se
no sentido de uma evocação daquela década, em que era
dramaturgo de Pina Bausch mas também escrevia amiúde sobre
a SIDA e em que viu morrer um número considerável de jovens,
entre amigos seus, desconhecidos e artistas importantes,
pintores, actores, cantores, escritores, bailarinos e coreógrafos.

O título foi Raimund Hoghe buscar ao poema *Despedida*, de
Federico Garcia Lorca.

With the aim of paying tribute to Dominique Bagouet -
founder of the Montpellier Choreography Centre and a leading
choreographer of Nouvelle Danse Française in the 1980s, who
died before his time - this latest work by Raimund Hoghe evokes
the aforesaid decade, when Hoghe was the dramatist for Pina
Bausch, but also regularly wrote about AIDS. Raimund Hoghe
took the title from the poem *Despedida*, by Federico Garcia
Lorca.

Daniel Levin Quartet

Ciclo “Isto é Jazz?”
Comissário: Pedro Costa



© Ariane Lopez-Huici

JAZZ

DOM 27, SEG 28
DE FEVEREIRO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h00
M12 · 5 Euros (preço único)

Violoncelo Daniel Levin Trompete Nate Wooley
Vibrafone Matt Moran Contrabaixo Peter Bitenc

Por vezes, apenas a mudança de instrumentação num combo convencional é o suficiente para tocar uma música totalmente diferente. No caso do Daniel Levin Quartet desde logo se nota a inexistência de um *kit* de bateria, e se pensarmos que tal facto anuncia algum tipo de jazz de câmara, coloquemos as coisas a claro desde o início: não é verdade. E Levin ainda torna tudo mais complicado: definiu os papéis de cada interveniente na música – o trompetista Nate Wooley, o vibrafonista Matt Moran, o contrabaixista Peter Bitenc e ele próprio no violoncelo – com o exclusivo propósito de ignorar as predefinições estabelecidas. Assim sendo, não encontramos neste grupo uma secção rítmica formal e os dois instrumentos melódicos não estão necessariamente “à frente”. É necessário acompanhar os trajectos individuais no todo musical sem esperar encontrá-los nos lugares habituais. Só assim é possível seguir o rasto das conversações desenvolvidas, bem como os pequenos jogos de tensão criados. Encontram-se reminiscências da *third stream*, do *cool* e do *free jazz* do início dos anos 1960, mas apenas como tijolos para a construção de uma música inteiramente do nosso tempo.

Daniel Levin é, seguramente, um dos mestres do violoncelo improvisado por estes dias. Com uma formação clássica, a linguagem do jazz foi por si especialmente bem assimilada ao longo das colaborações que manteve com músicos tão distintos quanto Joe Maneri, Tim Berne, Joe McPhee, Billy Bang, Joe Morris e William Parker, entre outros.

Matt Moran toca vibrafone tanto com músicos do jazz *mainstream* como com os mais vanguardistas.

Nate Wooley é um dos mais importantes inovadores das técnicas e do léxico do trompete na actualidade.

Produto do ensino ministrado no New England Conservatory, o contrabaixista (e também guitarrista e vocalista) Peter Bitenc estudou com Steve Lacy, Cecil McBee e Jerry Bergonzi, entre outros. Activo na cena *bluegrass*, além da do jazz, dirige o seu próprio grupo, Hunter Gatherer, conhecido pelo híbrido de jazz, blues, country, folk e rock que vem propondo, e participa em muitos projectos, como The Dive Bar Dukes e Heather & The Barbarians, entre outros.

In the Daniel Levin Quartet there are no drums. The aim of trumpeter Nate Wooley, vibes player Matt Moran, bassist Peter Bitenc, and Levin on cello, is to ignore pre-set conventions. So there is no formal rhythm section and the “lead” instruments do not necessarily lead. The music harks back to free jazz but is eminently modern, foreshadowing the shape of jazz to come.

Levin is a cello master with a classical background. Matt Moran has been likened to a chess master by *Village Voice*. Nate Wooley is one of today’s most important trumpet innovators. And Bitenc is also a bluegrass bassist, guitarist and vocalist.

A arte do século XX - entre a perspectiva e o detalhe

por Raquel Henriques
da Silva



Rui Sanches, *Madame Récamier, Segundo David*, 1989 · Coleção da Caixa Geral de Depósitos · Fotografia: Laura Castro Caldas/Paulo Cintra

CONFERÊNCIAS

QUINTAS-FEIRAS
10, 17, 24, 31 DE MARÇO

Pequeno Auditório
18h30 · Entrada gratuita
Levantamento de senha
de acesso 30 minutos antes
de cada sessão, no limite dos
lugares disponíveis. Máximo
por pessoa: 2 senhas.

Existe, na arte do nosso século, mais do que na dos antecedentes, alguns momentos decisivos. Sob este aspecto, o nosso século tem afinidades com o século XV. Assim, em certos momentos, objectos extraordinários marcaram pontos decisivos, 'pontos de não retorno'. Houve momentos em que as perguntas foram formuladas e as respostas dadas. Quando estas questões são colocadas de um modo claro, não é possível voltar para trás. As respostas são 'incontornáveis', não é possível torneá-las. Os resultados são irreversíveis.
Pontus Hulten, *Territorium Artis* (cat. de exposição), Bonn, Verlag, 1992.

A epígrafe que escolhi para apresentação de uma série de quatro conferências dedicadas à arte contemporânea (que, no início do século XXI, restrinjo, prudentemente, ao século XX) salienta o seu traço distintivo: acelerando acontecimentos que se avolumaram ao longo do século XIX, os artistas iniciaram, por volta de 1900, uma ruptura irreversível em relação às heranças recebidas do passado. Contestaram o valor da aprendizagem (muitos dos mais famosos raramente frequentaram as Escolas de Belas-Artes) ou seja, os exercícios de cópia e os seus procedimentos técnicos, os conceitos de belo e de conveniência, as expectativas dos encomendares e do gosto comum e, muito rapidamente, os campos determinados das diferentes disciplinas artísticas que permitiam distinguir, com segurança, a pintura, a escultura, o desenho e a ornamentação.

Estas questões serão abordadas, primeiro em perspectiva geral, depois em alguns enfoques e detalhes que, mais do que as narrativas da história da arte, visarão o confronto aberto com a extraordinária diversidade de objectos e situações artísticas.

Raquel Henriques da Silva é professora de História da Arte e Museologia na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Foi directora do Museu do Chiado - Museu Nacional de Arte Contemporânea (1993-97) e do Instituto Português de Museus (1997-2002).

The quotation (Pontus Hulten, 1992) highlights the following: building on 19th-century events, some time around 1900 artists made an irreversible break with the past. They challenged the value of learning - i.e. copying exercises or concepts of beauty (many had little art-school training) - buyers' expectations and ideas of taste, and then blurred the dividing lines between painting, sculpture, drawing and ornamentation. We will start by looking at these points in general, and then in more detail. This is not an art-history overview; rather, it will compare and contrast the extraordinary diversity to be found in art.

Raquel Henriques da Silva teaches History of Art and Museology at Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova, Lisbon. She was the director of the Museu do Chiado - Museu Nacional de Arte Contemporânea (1993-97) and of the Instituto Português de Museus (1997-2002).

10 de Março
Grandes rupturas (1900-1920)

17 de Março
Alargamentos territoriais
(1960-70)

24 de Março
Metáforas e citações

31 de Março
Obras-primas da Coleção
da Caixa Geral de Depósitos

perVERSIONES

de Fátima Miranda



© Chema Madoz

MÚSICA

SÁB 12 DE MARÇO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h30
M12 · 18 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros

Ideia original, direcção e cantora performer Fátima Miranda
Pianista e arranjos para piano Miguel Angel Alonso Mirón
Fotografias para a cenografia Chema Madoz

Fátima Miranda sempre compôs e cantou a sua obra empregando técnicas vocais insólitas, concebidas por si mesma ou formadas a partir de culturas tradicionais do Oriente ou do Ocidente e num registo de quatro oitavas. Chegou tão longe com a sua voz que é extraordinário quão próximo consegue agora chegar, cantando, como sempre fez mas também como nunca almejou, *canções de toda a vida*. No fundo, um verdadeiro desafio.

O repertório foi escolhido a partir da certeza daquilo que toca a cada um de nós, sem preocupações de exaustividade cronológica ou temática. Melodias medievais, lamentos, *lieder*, cantos de xamãs ou *ragas* entrelaçam-se numa perfeita harmonia com standards de jazz, quadras espanholas, canções pop, fado ou *chanson*, criando um mapa sem fronteiras que se dirige à memória colectiva e que emerge da mesma.

O concerto estrutura-se em oito partes ou atmosferas, cada uma das quais formada por três ou quatro canções. Contenção íntima e extroversão alternam, harmonizando o quotidiano e o grandioso, o que resulta num efeito cheio de graciosidade e de sentido. Para a cenografia muito contribuem as fotografias de Chema Madoz. A colaboração entre os dois artistas nasce de afinidades fundamentais. Ambos são inclassificáveis, engenhosos e irónicos, amantes de tudo aquilo que é simples e frágil levado ao limite do rigor e da perfeição, sempre ao serviço das ideias e do sentimento poético. Nas obras de Chema e de Fátima, o quotidiano torna-se extraordinário, induzindo-nos a uma visão imaginativa e crítica da realidade e a níveis de poesia e de humor que oferecem um saudável terreno para a reflexão.

Em piano encontra-se uma cantora, um pianista e um piano. Um cenário isento de pretensiosismo em termos de efeitos visuais. Um desenho de luzes cuidado e, pontualmente, uma lenta fusão de imagens que flutuam sobre um suporte semelhante ao do cortinado de um quarto.

Miguel Ángel Alonso Mirón, pianista clássico, ousado e rigoroso, obcecado pela interpretação cénica da cénica do repertório vocal, é o cúmplice perfeito para este trabalho, em que o piano, mais que mero servidor da voz, se torna um instrumento multi-tímbrico.

O título, *perVERSIONES* (*perVERSÕES*), encerra toda uma declaração de princípios e permite intuir a forma como canções populares ou cultas são capazes de nos transportar a outras maneiras de escutar, de *sentir*...

Fátima Miranda's vocals, spanning four octaves, have always been unusual, often based on Oriental or Western traditions. Her repertoire includes medieval melodies, laments and shaman chants, intertwined with jazz standards, pop and *fado*. The backdrop includes photos by Chema Madoz. Fátima is accompanied by classical pianist Miguel Ángel Alonso Mirón.

www.fatima-miranda.com
www.chemamadoz.com



Luís Lopes e Mats Gustafsson

Ciclo “Isto é Jazz?”
Comissário: Pedro Costa



JAZZ

DOM 13 DE MARÇO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h00
M12 · 5 Euros (preço único)

Guitarra Luís Lopes Saxofone barítono Mats Gustafsson

Um dia isto tinha de acontecer. Sem serem propriamente almas gémeas, o português Luís Lopes e o sueco Mats Gustafsson têm realizado um percurso paralelo que há muito parecia anunciar um cruzamento das suas linhas de rumo. Pois vai acontecer agora e é melhor avisar os puristas e os sensíveis de ouvido para que se mantenham ao largo, pois deste encontro a única coisa que se pode prever é que vai produzir faísca. Ambos iniciaram actividade no punk, ambos se interessaram pelo *free jazz* muito cedo, o guitarrista fascinando-se por Sonny Sharrock, o saxofonista por Albert Ayler, ambos puseram um dos pés no território da improvisação dita “não-idiomática”, ambos foram incorporando a energia, a rítmica e a sujidade do rock naquilo que vêm fazendo e ambos desaguaram num prática *post-everything* em que o jazz progressivo se confunde com a mais desbragada *noise music*.

O primeiro *guitar hero* de Luís Lopes foi Jimi Hendrix, mas a sua abordagem pessoal da guitarra é o oposto da do famigerado autor de *Electric Ladyland*: em vez de recorrer a pirotécias, busca funcionalidades, e tem-no feito ora no contexto de várias formações ou a solo, controlando e descontrolando *feedbacks*, distorções, sinusoidais, *glitches* analógicos e todas as impurezas sónicas que possamos imaginar. Para de repente, quando menos esperamos, nos dar a ouvir um tom limpo e cru, com tanto de uma espantosa simplicidade como de belo.

Um renovador da estética do grito que emergiu nas décadas de 1960 e 70, Mats Gustafsson colabora regularmente com o grupo que personifica o guitarrismo rock improvisado, Sonic Youth, bem como com o colectivo anarquista que deste lado do Atlântico levou o modelo *guitar band* para outros desfechos, The Ex. O facto de, em simultâneo, integrar o Peter Brotzmann Chicago Tentet e emparceirar com Ken Vandermark em contextos *neo-free* ou *free bop* não é contraditório: o que lhe interessa, mesmo, é a gestão da energia.

It was bound to happen one day. Portugal's Luís Lopes and Sweden's Mats Gustafsson have followed parallel courses and have long looked set to cross paths. Purists and sensitive souls should steer clear of what is about to happen, because you can be sure that sparks are going to fly. Both began life in punk, soon found and interest in free jazz, and both ventured into “non-idiomatic” improvisation, with the rhythm and coarseness of rock and a post-everything approach that melds progressive jazz with the most dissolute noise music.

Lopes's first guitar hero was Jimi Hendrix, but he is a totally different kind of player. Saxophonist Gustafsson works regularly with rock group Sonic Youth, and leads The Thing.

Imagem / Imagens

Hans Belting,
Georges Didi-Huberman,
Jacques Rancière



© José Luís Neto, da série *July 1984* (2010)

MESA REDONDA

SEG 14 DE MARÇO

Grande Auditório
17h30 · Entrada gratuita
Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Tradução simultânea em português/francês/português

Moderação e títulos das comunicações a divulgar oportunamente em www.culturgest.pt

Comissariado João Francisco Figueira, Marta Mestre, Vítor da Silva
Colaboração Goethe-Institut Portugal, Ambassade de France au Portugal, Institut Franco-Portugais
Agradecimentos Dafne Editora, José Luís Neto

Houve uma profunda revolução no modo como nos situamos perante a *imagem*. Recentemente a *imagem* ainda desembocava na biografia do autor, ou em ideias como escola e tendência, subsistindo num espaço dividido entre belas artes, artes aplicadas e populares. A expansão da imagem impressa, a fotografia e a imagem em movimento, o desenvolvimento da arte moderna e contemporânea, o acesso generalizado ao museu e o encontro com culturas não-Ocidentais, revolucionaram de forma significativa a nossa percepção. As *imagens* tornaram-se rebeldes em relação às intenções dos seus autores e a fronteiras hierárquicas e disciplinares; passaram a mostrar o seu lado heterogéneo, anacrónico e contraditório.

O trabalho iniciado por intelectuais franceses de '68 e prosseguido tanto em língua francesa como em alemão, entre outros idiomas, foi essencial para a assunção crítica da revolução da *imagem*.

Belting, Didi-Huberman e Rancière constituem autores centrais da crítica contemporânea da *imagem*. Efectivamente têm vindo a pensá-la em termos inovadores, explorando com grande liberdade e pertinência as suas relações com as mais diversas problemáticas, saberes, crenças e práticas. Porém, os objectos de estudo e as abordagens protagonizadas por estes autores são razoavelmente diferenciadas, oscilando entre o tratamento da *imagem* enquanto fenómeno molar, e as *imagens* na mais ampla extensão das suas expressões.

Por ocasião da publicação de traduções de suas obras, Rancière, Didi-Huberman e Belting reúnem-se para exporem e debaterem a *imagem* e as *imagens* do seu pensamento.

There has been a revolution in the way we relate to images, yet it is not that long ago that they had identifiable boundaries. Meanwhile, we have seen the rise of printed images, photos and movies, the development of modern and contemporary art alongside greater access to museums and non-Western cultures all of which have changed our attitude to images, nowadays relating to a broad and heterogeneous range of signs, practices and beliefs.

Central to the mapping of this revolution is the work of French and German intellectuals, particularly that of Belting, Didi-Huberman and Rancière. However, each has taken a different approach. On this occasion, they will gather to discuss the topic. In due course, more information will be available at www.culturgest.pt.

Holiday

Um espectáculo de Ranters Theatre



TEATRO

QUI 17, SEX 18, SÁB 19
DE MARÇO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h20
M12 · 15 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros

Espectáculo em inglês,
com legendas

Outras apresentações:
24 a 27 de Março no Estúdio
Zero a convite do Teatro
Nacional São João (Porto)

Não há uma história no sentido de uma narrativa que evolui, apenas uma série de momentos cristalinos que podem saltar num fôlego do aborrecido ao belo. [...] As interpretações de Lum e Moffatt são requintadamente moduladas e refinadas, produzindo um naturalismo que nunca parece exagerado. [...] Esta peça delicada, subtilmente matizada e intelectualmente rigorosa tem com facilidade lugar entre as melhores da companhia.
John Bailey, *The Age Magazine*,
19 de Agosto de 2007

Conceito e encenação Adriano Cortese **Texto** Raimondo Cortese
Desenho e operação de som David Franzke **Desenho de luz** Niklas Pajanti **Cenário (adaptado da cenografia original)** Anna Tregloan
Interpretação e co-criação Paul Lum e Patrick Moffatt
Produção Alison Halit **Companhia financiada por** Arts Victoria e Arts House **Estreia** Melbourne em Agosto de 2007

Holiday é uma suave provocação. Num momento de descontração e reflexão tranquila, dois homens inadvertidamente aproximam-se. De forma espontânea, desafectada e espantosamente real, a discussão inocente torna-se uma exploração de fantasias privadas, ansiedades escondidas, de mitologias pessoais e dos comportamentos mais inexplicáveis.

Do bar à chaise longue, *Holiday* é a viagem das simples complexidades do homem, situada num cenário elegante e rarefeito e complementada por uma banda sonora de barroco contemporâneo que cita Vivaldi, Corelli e Albinoni.

Desbastando a teatralidade até à sua forma mais crua, *Holiday* revela significados no mais inconsciente dos gestos, lutas de poder na mais educada das interações e esperança nos espaços em branco entre desconhecidos.

Ranters Theatre é uma companhia australiana fundada em Melbourne em 1994 por diplomados do Victorian College of the Arts. Dos seus espectáculos, vários deles com circulação internacional, podem destacar-se *Lucrezia & Cesare* (1994), *The Room* (1995), *Features of Blown Youth* (1997), *Roulette* (2000-2005), *St. Kilda Tales* (2001) e *Intimacy* (2010).

Roulette (Parts 1 & 2) passou pelo Porto em 2001 (PoNTI) e por Coimbra em 2003, durante a Semana Internacional de Teatro; em 2003, a Semana Internacional de Teatro apresentou *St. Kilda Tales* no Porto (TNSJ) e em Coimbra (TAGV).

Holiday recebeu cinco Green Room Awards em Melbourne em 2007 e o prémio de melhor intérprete masculino do Dublin Fringe Festival 2009 para os seus dois actores.

Holiday is a gentle provocation. In a moment of relaxation and quiet reflection two men unwittingly engage. Spontaneous, unaffected and thrillingly real, innocent discussion becomes an exploration of private fantasy, hidden anxiety, personal mythology, and the most inexplicable behavior. From the bar to the chaise longue, *Holiday* is the journey of man's simple complexities, set within a sparingly elegant design, complemented by a contemporary baroque musical score. Stripping theatricality back to its rawest form, *Holiday* reveals meaning in the most unconscious gesture, power struggles in the politest of exchanges, and hope in the blank spaces between strangers.

MÚSICA

SEX 25 DE MARÇO

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h10
M12 · 18 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros

Contrabaixo Carlos Barretto **Guitarra** Mário Delgado
Bateria e percussões José Salgueiro

Já lá vão 15 anos. Obrigado Mário e José por terem alinhado neste projecto desde o início e sobretudo por ainda cá estarem – este grupo representa praticamente metade da minha carreira profissional. Obrigado pelas loucas viagens sonoras que temos feito juntos. Vocês sempre aceitaram e acataram os meus caprichos estéticos, as minhas ideias bizarras, as minhas vontades de mudança de direcção, que nos conduziram por vezes a encruzilhadas de carácter duvidoso e nos obrigaram a rectificar o tiro antes de o barco se afundar, por minha culpa.

Eles diziam que eu era maluco, por querer experimentar isto ou aquilo. Só que ainda era mais obstinado do que maluco. Ia à mesma para a frente com a ideia que envergava, e eles lá experimentavam também. Assim caminhámos juntos por terrenos desconhecidos, às escuras, confiando uns nos outros, aprendendo a conviver com o risco e com o pânico. Com essas venturas e desventuras, ganhámos a possibilidade de crescer juntos musicalmente e de criar uma sonoridade que nos identifica, que só a nós pertence, dando-nos força e curiosidade para seguirmos juntos.

De há uns anos a esta parte, este percurso chegou a um ponto onde realmente não me sinto o líder – no sentido tradicional do termo – desta máquina musical, porque somos como um cérebro tripartido que vai cozinhando a matéria sonora conforme vão aparecendo possíveis engrenagens, propostas por cada uma das partes, e isso eu acho ser quase um milagre. A nossa experiência passada trouxe-nos as ferramentas com que no presente trabalhamos as ideias para o futuro.

Carlos Barretto

Thank you Mário and José for joining this project from the start and for still being here. This group represents almost half of my working life. You have always accepted my whims, bizarre ideas and changes of direction, which sometimes meant that we had to do a U-turn before it all fell apart because of me.

They said I was mad, but really I was obstinate. I went ahead with my ideas. We ventured blindly into the unknown together, trusting each other, learning to live with risk and panic. And so we grew together musically and create our own sound. I no longer see myself as leader, because together we develop what each of us proposes. Our experience has created the tools for working out our future ideas.

Carlos Barretto



© Bernardo Sassetti

Vita

Monteverdi-Scelsi

Sonia Wieder-Atherton

Ciclo
Concertos no Palco



© JB Mondino

MÚSICA

SÁB 26 DE MARÇO

Palco do Grande Auditório
18h00 · Duração: 1h10
M12 · 10 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros

Programa
(ordem provisória)

Claudio Monteverdi (1567-1643)

*Avoce sola' Se i languidi miei sguardi**

Claudio Monteverdi

*Ardo**

Giacinto Scelsi (1905-1988)

Triphon II (Trilogia *As três idades do homem*)

Claudio Monteverdi

Mentre vaga Angioletta (8º Livro)*

Claudio Monteverdi

*'Introdução' non morir Senequa, excerto de L'incoronazione di Poppea***

Giacinto Scelsi

Triphon III

Claudio Monteverdi

Altri canti d'amor (excerto, 8º Livro)**

Giacinto Scelsi

Dithome

Claudio Monteverdi

Hor ch'el Ciel e la Terra (excerto, 8º Livro)**

Giacinto Scelsi

Ygghur I

Claudio Monteverdi

Il combattimento di Tancredi e Clorinda (excerto, 8º Livro)**

* arranjos de Sonia Wieder-Atherton

** arranjos de Sonia Wieder-Atherton e Frank Krawczyk

Violoncelo Sonia Wieder-Atherton

Violoncelos Sarah Inacu e Matthieu Lejeune

Claudio Monteverdi foi o primeiro compositor a teatralizar, na sua música, histórias humanas. Histórias de dores, amores, esperanças, sonhos.

Giacinto Scelsi compôs, há mais de 50 anos, uma trilogia para violoncelo solo: *As três idades do homem*: Juventude, Maturidade, Velhice. Nesta obra Scelsi explora sonoridades novas e estende os limites do violoncelo. Para o andamento *Triphon III* inventou uma surdina de metal que distorce o som e junta-lhe como que batimentos de asas que criam uma mistura de harmónicos e sons reais.

Escolhi e transcrevi para três violoncelos madrigais de Monteverdi, a maior parte tirados do 8º livro (o livro dos amores e das guerras) um dos mais intensos de Monteverdi, que se intercalam com capítulos da trilogia de Scelsi.

Imaginei a história de uma única e mesma personagem: Angioletta no século XVII que se torna Angel no século XX.

Este programa conta a sua vida em três actos: 1. Uma juventude entre a despreocupação e a dúvida: o desvendar de um amor secreto (*Se i languidi miei sguardi/Ardo*). Uma adolescência sem concessões, plena de energia e de assunção de riscos (Scelsi, *Triphon II e III*); 2. A descoberta do outro (*Altri canti d'amor*). Uma maturidade entre presente e experiência do passado (*Dithome*); 3. É a matéria sonora imóvel (*Hor ch'el Ciel e la Terra*) que a leva à velhice para se reconciliar antes da partida (A morte de Clorinda).

Assim se desenham as linhas de vidas e se cruzam escritas que ecoam entre si ao mesmo tempo que se confrontam ou, por vezes, estão surpreendentemente próximas.

Sonia Wieder-Atherton

Sonia Wieder-Atherton é uma das maiores violoncelistas da sua geração, que ocupa um lugar à parte no mundo musical de hoje. Para além da sua actividade de concertista, constrói originais projectos musicais semi-encenados. Neste concerto é acompanhada por dois violoncelistas largamente premiados e com uma notável carreira internacional.

Four centuries ago Monteverdi was the first composer to portray human dramas, loves, hopes and dreams through music. Over 50 years ago Giacinto Scelsi composed a trilogy for solo cello. Sonia Wieder-Atherton has transcribed madrigals by Monteverdi that fit in with chapters from that trilogy.

Sonia studied with Maurice Gendron, Rostropovitch and Natalia Chakhovskaia. She performs a wide-ranging repertoire, is sought after by many contemporary composers, and plays as a soloist in leading orchestras.

João Queiroz

SILVÆ



Sem título, 1998 · Coleção do artista · Fotografia: Teresa Santos/Pedro Tropa

EXPOSIÇÃO

ATÉ 16 DE JANEIRO

Galerias 1 e 2
2 Euros

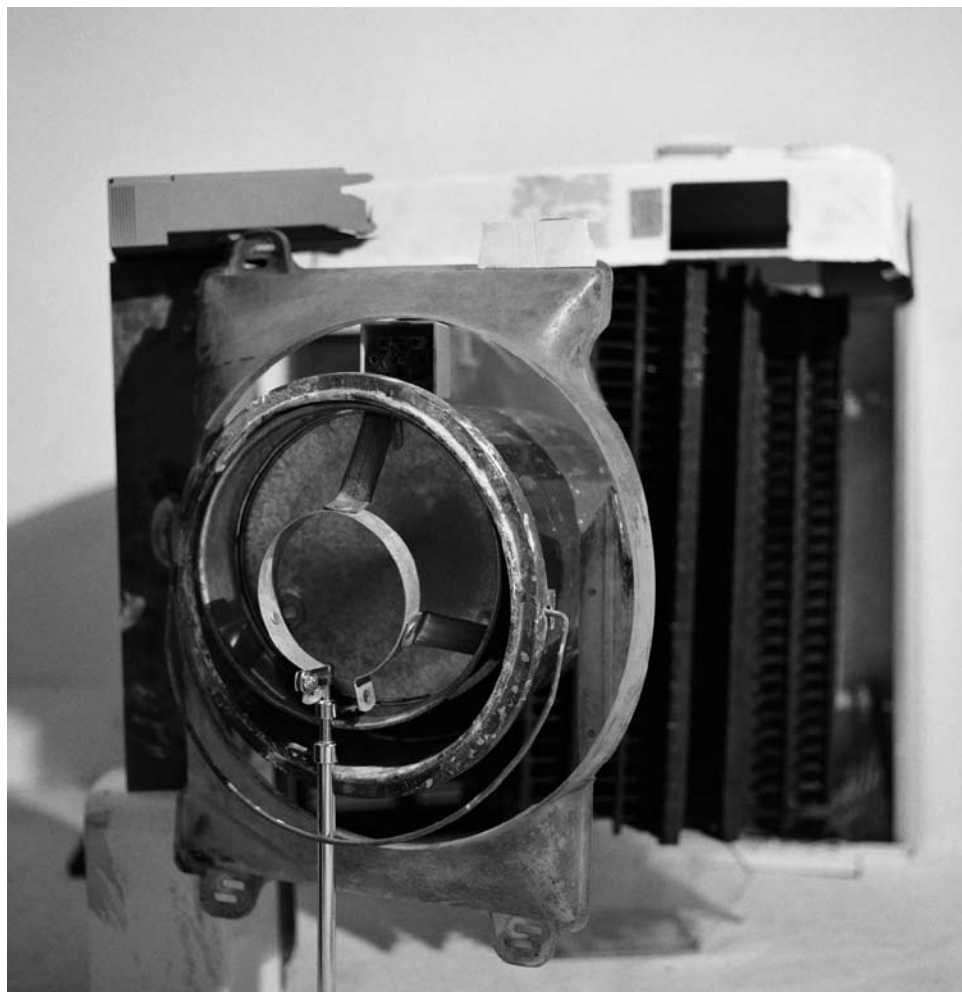
As galerias estarão
encerradas no dia
1 de Janeiro.

Por volta de 1998, João Queiroz (Lisboa, 1957) passou a tomar o género da paisagem como quadro de referência do seu trabalho, radicalizando uma investigação sobre a pintura e o desenho como campos de construção de novos modos de percepção e de conhecimento, de relação do sujeito com as coisas, os seres e os acontecimentos. As suas obras curtocircuitam os hábitos de percepção, as convenções culturais, a linguagem como sistema de ordenação, classificação e hierarquização. Como o artista afirmou em diversas ocasiões, enquanto interpretação (sem o motivo à vista) da experiência de observação atenta da natureza, as suas pinturas mobilizam não apenas a visão e o intelecto, mas o corpo inteiro e as memórias da experiência sensível que esse corpo incorpora. Esta exposição, a primeira antológica do trabalho de João Queiroz, ocupa as duas galerias da Culturgest, reunindo um conjunto muito vasto de pinturas e de desenhos realizados ao longo dos últimos vinte anos. Um convite a descobrir ou redescobrir uma obra de extraordinária singularidade, de enorme rigor e vitalidade, que se reinventa permanentemente na sua incessante averiguação das possibilidades da pintura e do desenho como construção de novos modos de ver.

Around 1998, João Queiroz (Lisbon, 1957) began to take the landscape genre as a frame of reference for his work, engaging in a more radical form of research into painting and drawing as fields for the construction of new modes of perception and knowledge, of relating the subject with things, beings and events. His works short-circuit the habits of perception, cultural conventions, and language as a system of ordering and classification. As the artist has stated on various occasions, as an interpretation of the experience of closely observing nature, his paintings not only bring into play sight and intellect, but also the entire body and the memories of the sense experience which that body incorporates. This exhibition, the first anthological presentation of João Queiroz' work, occupies the two galleries at Culturgest, bringing together a vast range or paintings and drawings produced over the last twenty years. This is an invitation to discover or rediscover a work of extraordinary singularity, enormous rigour and vitality, which is permanently reinvented in its incessant searching for the possibilities of painting and drawing as a construction of new ways of seeing.

1+1+1=3

Hermann Pitz,
Michael Snow,
Bernard Voïta



Bernard Voïta. *Caméra V*, 2006

EXPOSIÇÃO

DE 19 DE FEVEREIRO
A 8 DE MAIO

Inauguração:
18 de Fevereiro, 22h00

Galeria 1
2 Euros

Curadoria Friedrich Meschede

Esta é a segunda de uma série de exposições na Culturgest que se baseia numa premissa: a realização de três exposições individuais simultâneas que dialogam entre si e, em última instância, se conjugam para formar uma exposição colectiva. Uma premissa, traduzida de forma tão abreviada quanto literal no título do projecto, que é proposta a diferentes curadores e que se pretende pura potencialidade aberta aos seus interesses, ideias e escolhas. O curador, desta vez, é Friedrich Meschede, e a sua escolha recaiu em Hermann Pitz (Oldenburg, Alemanha, 1956), Michael Snow (Toronto, Canadá, 1929) e Bernard Voïta (Cully, Suíça, 1960), artistas que utilizam a fotografia e o filme como *media*.

Um traço de união entre os três artistas é estabelecido pelo *topos do atelier*. A arte é, hoje, uma forma de expressão que vive do que é público, indo frequentemente buscar os seus motivos à vida pública. A evolução da fotografia, em particular, contribuiu para este facto, ao mostrar permanentemente, também na arte, a realidade de forma clara. Para estes artistas, no entanto, o *atelier* continua a ser um local privado onde se desenvolvem conceitos e invenções no domínio da imagem que projectam uma outra realidade. O trabalho em filme e fotografia destes artistas "documenta" este outro sentido da arte como o esboço individual de um contra-mundo, a criação de algo nunca visto.

This is the second in a series of exhibitions taking place at Culturgest, all based on a simple premise: the presentation of three concurrent solo exhibitions that establish a dialogue between one another and ultimately come together to form a group exhibition. This premise, expressed both in an abbreviated and literal form in the project's title, is then proposed to different curators, with the pure potentiality of such a premise being opened up to their ideas, areas of interest and choices. This time, guest curator Friedrich Meschede has chosen Hermann Pitz (Oldenburg, Germany, 1956), Michael Snow (Toronto, Canada, 1929) and Bernard Voïta (Cully, Switzerland, 1960), artists who use photography and film as their preferred media.

A common thread uniting the three artists is established by the *topos* of the studio. Nowadays, art is a form of expression that lives off what is public, frequently seeking its motifs in public life. In particular, the evolution of photography has contributed to this phenomenon (also in art) by permanently showing reality in a clear and unmistakable fashion. For the three artists, however, the studio continues to be a private place in which to develop concepts and inventions from the world of the image that project another reality. The use of photography and film by these artists "documents" this other meaning of art as the individual sketching of a counter-world, as the creation of something hitherto unseen.

Gedi Sibony

EXPOSIÇÃO

DE 19 DE FEVEREIRO
A 8 DE MAIO

Inauguração:
18 de Fevereiro, 22h00

Galeria 2
2 Euros

Curadoria Anthony Huberman

Esta exposição reúne uma vasta selecção de obras novas e recentes de Gedi Sibony (Nova Iorque, 1973), apresentadas numa instalação concebida especificamente para o espaço da Culturgest.

Sibony recupera os materiais que usa, deixando-os frequentemente no estado em que os encontrou, efectuando apenas ligeiras alterações quanto à sua forma e colocação que parecem acasos felizes. Alcatifas, cartão, persianas, superfícies de plástico, contraplacado, portas, tubos metálicos: o *atelier* de Sibony é um orfanato para coisas que naufragaram e que são subtraídas ao processo de desaparecimento. A *démarche* é simultaneamente metafísica e política, na medida em que os seus objectos denunciam uma civilização que, na voragem da sobreprodução, os abandona. Materiais rejeitados são reutilizados, e o que existe no mundo é deixado no mundo. O que emerge é o poder fundamental daquilo que é estritamente essencial e a magia simples do mundano.

Fazendo uso da luz, do silêncio e de um humor em surdina, a obra de Sibony alcança uma estranheza desprendida, um despojamento orgulhoso, uma implausibilidade. Reside aqui parte do milagre contido no seu trabalho: mãos sujas fazem coisas limpas, ou, para citar Bruce Nauman, coisas simples revelam verdades místicas. Ao privilegiar o quase esquecido e ao mostrar-nos como ele pode perdurar, o artista estabelece um equilíbrio subtil entre desaparecimento e reafirmação, lembrando-nos que naquilo para que não olhamos existe muito mais do que supomos.

This exhibition gathers together a wide selection of new and recent works of Gedi Sibony (New York, 1973), presented in a site-specific installation conceived by the artist.

Sibony retrieves his materials, often leaving them as he found them, making only slight changes in placement and shape that seem playful or happily accidental. Carpeting, cardboard, vertical blinds, plastic sheets, plywood, hollowcore doors, metal pipes, and fragments of salvaged scraps: the artist's studio is an orphanage for castaways pulled from extinction. The endeavor is both metaphysical and political as his objects protest a civilization that leaves them behind in its frantic overproduction. Instead, byproducts are used, not wasted, and what is in the world is left in the world. What emerges is the fundamental power of bare essentials and the effortless magic of the mundane.

Using light, silence, and hints of humor, Sibony's work achieves a nonchalant awkwardness, a proud nudity, and an overall implausibility. Part of his work's miracle is that dirty hands make clean things, or echoing Bruce Nauman, that simple things reveal mystical truths. By privileging the almost forgotten and showing us how well it can succeed, Sibony carefully balances disappearance with reassurance, reminding us that there is plenty more where we're not looking.

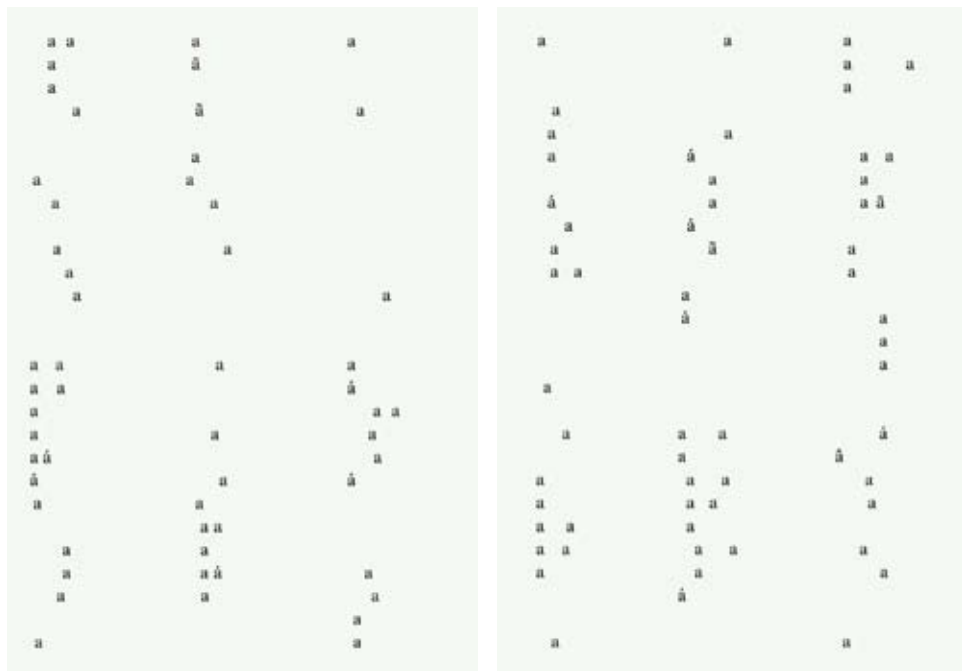


From *The Center, Skinny Legs, Satisfying The Purposes Completely e Her Trumpeted Spoke Lastly*, 2010
Cortesia Greene Naftali Gallery, Nova Iorque · Fotografia: John Berens

Pedro Diniz Reis

Um dicionário,
quatro alfabetos,
um sistema decimal

One dictionary,
four alphabets,
one decimal system



Ensaio para *O Livro dos AA*, de Pedro Diniz Reis, a publicar em Dezembro de 2010

EXPOSIÇÃO

CULTURGEST PORTO
ATÉ 22 DE JANEIRO

Entrada gratuita

Curadoria Miguel Wandschneider

Pedro Diniz Reis (Lisboa, 1972) tem utilizado predominantemente o vídeo no seu trabalho, a par de incursões mais ou menos frequentes por outros *media*, como a fotografia, a *performance* e o som. Os seus vídeos resultam de um processo laborioso, em que o domínio irrepreensível das ferramentas de edição do som e da imagem se alia a um rigor formal obsessivo. As obras agora apresentadas – cinco vídeos e uma peça sonora – desvendam uma linha de investigação dentro do seu trabalho, desenvolvida entre 2004 e 2010, que se caracteriza pela utilização de signos linguísticos (diferentes alfabetos, todas as palavras de um dicionário inglês, os números de 0 a 9 ditos em japonês) em processos de composição visual e sonora que aplicam determinadas regras de combinação e sequenciação dos elementos para gerar resultados que escapam à subjectividade do artista. Tomando os signos linguísticos como matéria abstracta, puramente significativa, Pedro Diniz Reis reactiva, de um modo muito particular, as tradições da poesia visual e da música aleatória, convidando o espectador a uma experiência sensorial fortemente imersiva.

Pedro Diniz Reis (Lisbon, 1972) has mainly used video in his work, together with occasional experiments with other media, such as photography, performance and sound. His videos are the result of an extremely painstaking process, in which his impeccable mastery with the tools of sound and image editing is allied to an obsessive formal rigour. Five videos and a sound piece are presented at this exhibition, revealing the full range of a research line that was developed within the artist's practice between 2004 and 2010. These works are characterised by the use of linguistic signs (different alphabets, all the letters and words of an English dictionary, the numbers from 1 to 10 spoken in Japanese) to explore processes of visual and sound composition in which the application of rules for the combination and sequencing of the different elements generates results that fall beyond the artist's subjectivity. Taking the linguistic signs as pure signifiers, Pedro Diniz Reis reactivates, in its own way, the traditions of visual poetry and aleatoric music, engaging the spectator in a deeply immersive viewing-hearing experience.

Visitas guiadas a grupos
escolares e/ou organizados
(a partir de 10 pessoas)

Inscrições e informações:
Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt

O modo como não foi (Celebrando dez anos de castillo/corrales, Paris)

The Way it Wasn't
(Celebrating ten years of
castillo/corrales, Paris)



EXPOSIÇÃO

CULTURGEST PORTO
DE 5 DE FEVEREIRO
A 16 DE ABRIL

Inauguração:
5 de Fevereiro, 15h00

Entrada gratuita

Curadoria castillo/corrales

Quando é que um espaço de arte independente sente que já tem idade para reviver a sua própria história sob a forma de uma exposição retrospectiva? Quando é que chega o momento de se considerar que as suas actividades merecem ser registadas numa publicação historicizante? A resposta é dez anos. Essa parece ser a convenção a aplicar neste caso. Dez anos já permitem fazer uma distinção entre provas dadas e uma ideia de auto-enaltecimento.

Dez anos. Vamos então celebrar o décimo aniversário da castillo/corrales.

O modo como não foi questiona o inevitável estabelecimento de uma organização outrora considerada alternativa. Aborda a ilusão de coerência que um empreendimento deste tipo, realizado dia-a-dia, frequentemente ganha num olhar retrospectivo, e também a importância exagerada que uma pequena estrutura localizada pode assumir quando vista à distância.

Celebrar em Portugal os dez anos de tentativas da castillo/corrales significa mostrar mais do que realmente aconteceu. *O modo como não foi* retoma exposições e projectos que foram apresentados na galeria de 29 m² em Paris, mas também incide noutros que não chegaram realmente a existir. Alguns foram apenas discutidos e logo adiados. Para outros, não era simplesmente o momento certo.

Dez anos: 2000-2010, um relato da arte, da sociedade e do estado de espírito desta década, vistos através da vida e dos momentos, dos actos e das palavras, dos altos e baixos de um espaço de arte independente em Paris.

When can an independent art space feel it is old enough to revive its own history in the form of a retrospective exhibition? When is it right to think its record of activities deserves a historicizing publication? The answer is ten years. It is the convention that seems to apply here. Ten years is what distinguishes real proof of accomplishment from self-aggrandizing thinking.

Ten years. Let's celebrate ten years of castillo/corrales then.

The Way It Wasn't questions the ineluctable establishment of a once-considered-alternative organization. It addresses the illusion of coherence that such a day-by-day endeavor often gains in retrospect, as well as the overblown importance that a small, localized structure can take in the view from afar.

Celebrating ten years of trials of castillo/corrales in Portugal means to show more than there actually is. *The Way It Wasn't* draws from exhibitions and projects which did take place in the 29 square meter Paris-based gallery, and from ones which almost did. Some were only discussed but got postponed. For others, it just wasn't the right time.

Ten years: 2000-2010, an account of this decade's art, society, and state of mind, as seen through the life and times, the acts and words, the highs and lows of an independent art space in Paris.

Visitas guiadas a grupos
escolares e/ou organizados
(a partir de 10 pessoas)

Inscrições e informações:
Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt

Bruno Pacheco



EXPOSIÇÃO

CHIADO 8
DE 24 DE JANEIRO
A 11 DE MARÇO

Inauguração:
21 de Janeiro, 22h00

Entrada gratuita

Curadoria Bruno Marchand

O trabalho que Bruno Pacheco (Lisboa, 1974) tem vindo a desenvolver, desde meados da década de 1990, caracteriza-se pelo modo singular como responde aos desafios que a ubiquidade e a ultramediatização da imagem colocam à pintura contemporânea. Embora contemple também significativas explorações na área do vídeo e da produção de objectos, a sua obra centra-se sobretudo no âmbito da prática pictórica, recorrendo frequentemente à fotografia como ponto de partida. Produzidas pelo próprio ou resgatadas dos mais variados meios e suportes – sejam eles jornais, revistas, materiais publicitários ou a internet – as imagens que servem de base às pinturas de Bruno Pacheco constituem um álbum em permanente desenvolvimento, cuja orgânica interna é análoga à de uma colecção informal. Sujeitas a critérios de selecção orientados por parâmetros de relevância iconográfica, potencial associativo e pregnância visual, estas imagens passam depois por um aturado processo de alteração das suas características formais – enquadramento, luz, cor, acuidade – diluindo a sua relação umbilical com o referente fotográfico a favor da opacidade de toda a construção pictórica. O que deste exercício subsiste e se prolonga é a afirmação de uma particular forma de entender e, mais importante, de dar a ver a pintura.

The work Bruno Pacheco (Lisbon, 1974) has been developing since the mid-1990s is characterised by the singular way in which it responds to the challenges placed before contemporary painting by the ubiquity of the image and its excessive exploitation by the media. Although he also conducts some significant incursions into the area of video and the production of objects, his work is centred above all on the domain of pictorial practice, frequently using photography as its starting point. Whether produced by the artist himself or rescued from the most varied media and supports – newspapers, magazines, advertising materials or the internet – the images that form the basis of Bruno Pacheco's paintings are like a constantly developing album, whose internal structure is similar to that of an informal collection. After being subjected to a selection process based on their iconographic relevance, associative potential and pithiness, these images are then submitted to a thorough alteration of their formal characteristics – framing, light, colour, sharpness – diluting their umbilical relationship with the photographic referent in favour of the opacity of the whole pictorial construction. What survives from this exercise is the affirmation of a particular way of understanding painting and, more importantly, of offering it up for view.

Linguagem e Experiência

Obras da Colecção da Caixa Geral de Depósitos

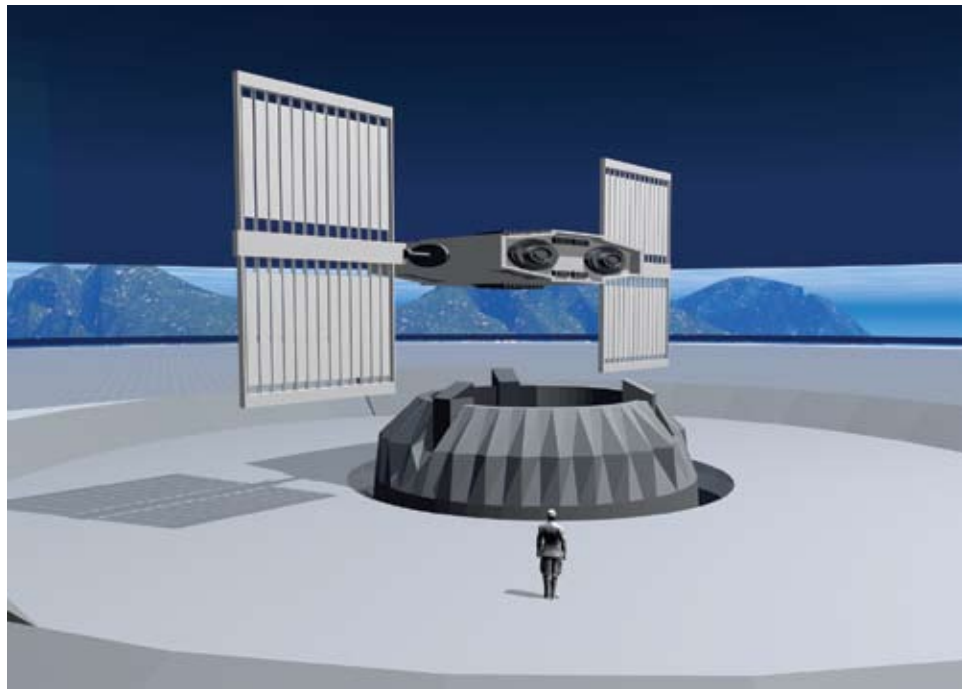
EXPOSIÇÃO ITINERANTE

Museu de Aveiro
De 11 de Dezembro
a 13 de Fevereiro de 2011
Inauguração:
11 de Dezembro, 16h00

Museu de Aveiro
Av. de Santa Joana, Aveiro
Tel. 234 423 297/234 383 188
De 3ª feira a Domingo das
10h00 às 17h30. Encerra a 25
de Dezembro e 1 de Janeiro.

Entrada gratuita nas
exposições temporárias
www.imc-ip.pt

Veja mais à frente, nas
páginas do Serviço Educativo,
as actividades propostas para
esta exposição.



Miguel Soares. *Archibunk3r Associates*, 2000 - Cortesia do artista

Curadoria Pedro Lapa

O ciclo de exposições, que reúne obras da Colecção da Caixa Geral de Depósitos, termina a sua itinerância no Museu de Aveiro.

Linguagem e Experiência cruza diferentes possibilidades sobre a visibilidade engendrada pelo trabalho artístico enquanto experiência limite de um discurso sobre o mundo.

Esta exposição organiza-se em sete núcleos expositivos, que serão apresentados na sua totalidade em Aveiro. Os títulos dos núcleos e os artistas que integram cada um destes são os seguintes:

- *Deslocação e Paisagem*: Alberto Carneiro e Joaquim Rodrigo;
- *Percepção*: José Pedro Croft, José Escada, Eduardo Nery e Rui Toscano;
- *Forever Pop*: Lourdes Castro, Cruz-Filipe, José Loureiro, Bruno Pacheco, Pedro Portugal, Miguel Soares, Júlia Ventura e João Vieira;
- *Dropthebomb*: Luisa Cunha, João Paulo Feliciano, Fernanda Fragateiro e Miguel Soares;
- *Inquietude e Sinal*: Helena Almeida, Filipa César, Jorge Molder, João Penalva e Jorge Pinheiro;
- *Memória de uma Memória Ausente*: Pedro Casqueiro, Ana Jotta, Álvaro Lapa, Jorge Queiroz, Pedro Cabrita Reis, Julião Sarmento e Francisco Tropa;
- *Playground*: Ana Jotta, Francisco Queirós, Jorge Queiroz e Paula Rego.

Acompanha a exposição um catálogo com a totalidade das obras seleccionadas para este ciclo de exposições.

This cycle of exhibitions based on Colecção da Caixa Geral de Depósitos is now being ended at Museu de Aveiro.

Language and Experience compares different possibilities regarding the visibility engendered by artistic work as a limit experience of a discourse about the world.

This exhibition is divided into seven sections and is accompanied by a catalogue showing all the works chosen for this cycle of exhibitions that started at Palácio do Egípto, Oeiras, then moved to Museu Grão Vasco, Viseu, and now ends in Aveiro.

A Colecção da Caixa Geral de Depósitos dará início à sua itinerância de 2011, em Abril, no Museu de Arte Contemporânea de Elvas (MACE).

Actividades para adultos

Percursos e conversas na galeria

Requerem apenas o bilhete de entrada na exposição

1+1+1=3

Hermann Pitz, Michael Snow, Bernard Voïta
De 19 de Fevereiro a 8 de Maio
Galeria 1

Para mais informações
ver páginas 68 e 69



Com os colaboradores do Serviço Educativo
Domingos, 27 de Fevereiro e 27 de Março, 17h00

Gedi Sibony

De 19 de Fevereiro a 8 de Maio
Galeria 2

Para mais informações
ver páginas 70 e 71



Com os colaboradores do Serviço Educativo
Domingos, 27 de Fevereiro e 27 de Março, 18h00

Linguagem e Experiência
Obras da Coleção da Caixa
Geral de Depósitos
Até 13 de Fevereiro
Museu de Aveiro

Para mais informações
ver páginas 78 e 79



Com os colaboradores do Serviço Educativo
Domingo, 13 de Fevereiro, 17h00 (último dia da exposição)



Guia áudio disponível. Solicite-os, gratuitamente,
junto à entrada da exposição.



"Descobertas a tiracolo", disponível. Actividade gratuita destinada a famílias e a grupos de amigos com sentido de humor apurado. Conjunto de jogos e pistas em que é o próprio grupo que se (auto)guia pela galeria.

Actividades para Famílias

Oficinas para pais e filhos

5 Euros · Marcação prévia

As oficinas mensais para crianças também abrem as portas aos pais!

Convidamos os pais a aprender uma técnica artística em que os professores serão os próprios filhos.

Um espaço de criação artística, mas também de novas e importantes cumplicidades.

Para onde foi a paisagem?

Oficina de desenho, pintura e de sensibilização para a natureza
Com Ana Teresa Magalhães, artista plástica
29 de Janeiro das 15h00 às 17h30

Desenho, espaço... movimento!

Oficina de movimento e desenho
Com Yola Pinto, intérprete e bailarina
26 de Fevereiro das 15h00 às 17h30

Um dia na cidade de...

Oficina de faz-de-conta e de improvisação
Com Gina Tocchetto, actriz
26 de Março das 15h00 às 17h30



Gedi Sibony. *From The Center, Skinny Legs, Satisfying The Purposes Completely e Her Trumpeted Spoke Lastly*, 2010
Cortesia Greene Naftali Gallery, Nova Iorque · Fotografia: John Berens

Actividades para crianças e jovens

Oficinas ao sábado à tarde

Dos 7 aos 12 anos · 5 Euros (por sessão) · 15 Euros (4 sessões) · Marcação prévia

Todos os meses convidamos uma artista diferente para acompanhar um grupo de crianças e jovens na descoberta do seu universo artístico.

As sessões são de continuidade mas os jovens poderão vir apenas a uma das sessões.

Para onde foi a paisagem?

Oficina de desenho, pintura e de sensibilização para a natureza

Com Ana Teresa Magalhães, artista plástica
8, 15, 22 e 29* de Janeiro das 15h00 às 17h30

Quatro oficinas de desenho e de pintura que partem da sugestão da exposição de João Queiroz para explorar algumas técnicas da expressão plástica. Sensibilização também para alguns cuidados a ter com o meio ambiente.

Desenho, espaço... movimento!

Oficina de movimento e desenho

Com Yola Pinto, intérprete e bailarina
5, 12, 19 e 26* de Fevereiro das 15h00 às 17h30

Nestas quatro oficinas de movimento corporal temos três palavras chave para desafiar os meninos: desenho, espaço e movimento!

Um dia na cidade de...

Oficina de faz-de-conta e de improvisação

Com Gina Tocchetto, actriz

5, 12, 19 e 26* de Março das 15h00 às 17h30

Quatro oficinas de expressão dramática a partir de uma cidade imaginária que ocupará toda uma sala de brincadeira mas também de interpretação, de personagens e de improvisação.

* Sessões de pais e filhos

Celebra o teu dia de anos com arte

Entrada gratuita aos pais acompanhantes · Para grupos organizados (mínimo 10 crianças, máximo 20 crianças) · Dos 5 aos 12 anos · Marcação prévia · 175 Euros (por grupo)

Dentro da galeria de arte ou com expressões artísticas variadas estas oficinas oferecem a possibilidade de uma festa fora do comum, com partidas e aventuras inesquecíveis para todos!

Novas actividades e novos temas

Nesta temporada temos novas oficinas para propor aos mais novos.

Novidades para os pais!

Enquanto o grupo de crianças está na oficina, convide os outros pais para uma actividade na galeria. Preparámos uma visita especial às exposições, divertida e envolvente. Sabia que têm sido um sucesso?

Férias da Páscoa na Culturgest

De 11 a 20 de Abril · Dos 4 aos 6 anos · Dos 7 aos 10 anos · Dos 11 aos 14 anos · Marcação prévia

De 11 a 15 de Abril – oficinas de 5 sessões (de manhã ou de tarde) · 40 Euros

De 18 a 20 de Abril – oficinas de 3 sessões (de manhã ou de tarde) · 28 Euros

Desconto de 30% aos colaboradores da CGD e na inscrição do segundo filho (desconto não acumulável).

Almoço disponível para inscrições de dia inteiro (marcação prévia e sujeito a lotação limitada). O desconto não é aplicável sobre o valor do almoço.

[Dia 1 de Fevereiro, no nosso site, descubra como vão ser estas oficinas...](#)

Dos 4 aos 6 anos

Das 10h00 às 12h30 ou das 14h30 às 17h00 (excepto na semana de 18 a 20 de Abril)

Dos 7 aos 10 anos (obrigatória a frequência do 1º ciclo)

Das 10h00 às 13h00 e das 14h30 às 17h30

Dos 11 aos 14 anos (obrigatória a frequência do 2º ciclo)

Das 10h00 às 13h00 e das 14h30 às 17h30

www.culturgest.pt

Ou solicite o programa mensal do serviço educativo através do e-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt



Miguel Soares. Archibunk3r Associates, 2000 (pormenor) · Coleção da Caixa Geral de Depósitos · Cortesia do artista

Actividades para Grupos: crianças, jovens e adultos *

IndieJúnior'11 – Festival IndieLisboa

Marcação prévia

Antevisão do festival IndieJúnior

Mais informações
sobre o festival:
escolas@indiejunior.com
213 158 399

Quinta-feira, 27 de Janeiro, 18h30

Sessão exclusiva para os professores e para os educadores. Antevisão de algumas das surpresas do IndieJúnior'11 que irá decorrer entre 5 e 15 de Maio de 2011. Professores e programadores são convidados a conviver, neste dia, em torno de algumas das novidades deste festival internacional de cinema.

Visitas jogo

Duração aproximada: 1h15 · Marcação prévia · 1 Euro

1+1+1=3

**Hermann Pitz, Michael Snow,
Bernard Voïta**
De 19 de Fevereiro a 8 de Maio
Galeria 1

Para mais informações
ver páginas 68 e 69



Visita jogo para partilhar olhares

Visita com enfoque sobre o olhar e a percepção visual. Todos vemos de igual forma? Reflectir sobre o que vemos é importante? Adaptável a todas as idades.

Visita jogo de (e em) movimento

Recorremos ao corpo como veículo de interpretação do que vemos e do que interpretamos. Será possível? Adaptável a todas as idades.

Gedi Sibony

De 19 de Fevereiro a 8 de Maio
Galeria 2

Para mais informações
ver páginas 70 e 71



Visita jogo para partilhar olhares

Visita com enfoque sobre o olhar e a percepção visual. Todos vemos de igual forma? Reflectir sobre o que vemos é importante? Adaptável a todas as idades.

Visita jogo de (e em) movimento

Recorremos ao corpo como veículo de interpretação do que vemos e do que interpretamos. Será possível? Adaptável a todas as idades.



Mala pedagógica Disponível em suporte digital logo após marcação de visita à exposição.

* Solicite os nossos programas de divulgação, específicos para cada público.

Visitas oficina

Inclui a visita à exposição · Duração aproximada: 2h00 · Marcação prévia · 2,50 Euros

1+1+1=3

**Hermann Pitz, Michael Snow,
Bernard Voïta**
De 19 de Fevereiro a 8 de Maio
Galeria 1

Para mais informações
ver páginas 68 e 69

Oficina de expressão plástica

Depois da experiência da exposição, nada melhor do que prolongar o momento através de uma oficina prática em que se pode pôr mãos à obra! Adaptável a todas as idades.

Oficina de movimento

Depois da experiência da exposição porque não prolongar as vivências daquele momento e continuar com o corpo em movimento? Adaptável a todas as idades.

Gedi Sibony

De 19 de Fevereiro a 8 de Maio
Galeria 2

Para mais informações
ver páginas 70 e 71

Oficina de expressão plástica

Depois da experiência da exposição, nada melhor do que prolongar o momento através de uma oficina prática em que se pode pôr mãos à obra! Adaptável a todas as idades.

Oficina de movimento

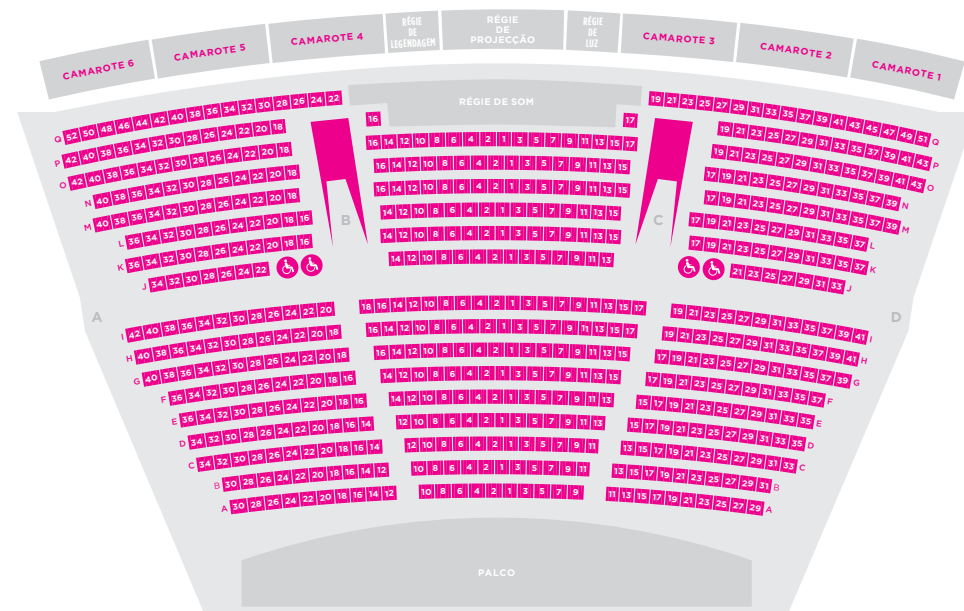
Depois da experiência da exposição porque não prolongar as vivências daquele momento e continuar com o corpo em movimento? Adaptável a todas as idades.

Os colaboradores do Serviço Educativo durante esta temporada são:

Alice Neiva, Ana Nunes, Ana Reis, Ana Teresa Magalhães, Diana Ramalho, Irina Raimundo, Isabel Gomes, Joana Barros, Joana Batel, João de Brito, José Mateus, Leonor Cabral, Pietra Fraga, Raquel dos Santos Arada, Susana Alves, Teresa Faria e Yola Pinto.

Inscrições e informações

Telefone: 21 761 90 78 · Fax: 21 848 39 03 · Email: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt
Horário de atendimento telefónico: das 10h00 às 12h30 e das 14h30 às 17h30



Grande Auditório

GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h00 às 19h00 (última admissão às 18h30).
ENCERRAM À TERÇA-FEIRA.
Sábados, domingos e feriados, das 14h00 às 20h00 (última admissão às 19h30).
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h00 às 19h00.
Em dias de espectáculo das 14h00 até à hora de início do mesmo.
Nos períodos em que não há exposições: de segunda a sexta-feira das 11h00 às 19h00. Sábados, domingos e feriados das 14h00 às 20h00.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h00 às 19h00. Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições. Sábados, domingos e feriados das 14h00 às 20h00.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se bilhetes para espectáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espectáculo.

ASSINATURAS

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espectáculos, beneficiando de um desconto de 40%. São válidas no limite dos bilhetes disponíveis. As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas galerias.

DESCONTOS

Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixautomática Universidade/Politécnico**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
Entrada gratuita a titulares do cartão **ICOM** e a jovens até aos 16 anos.
Entrada gratuita a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Espectáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espectáculo, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes) e titulares dos cartões **Caixagold**, **Visabeira Exclusive**, **Caixa Woman**, **Caixa Drive** e **Caixa Leisure**, que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixautomática Universidade/Politécnico**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** e **Caixa Activa** que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
50% a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Jovens até aos 30 anos: 5 Euros.
Preço único sem descontos.

Os descontos não são acumuláveis.

CAFETARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 10h00 às 18h30. Sábados, Domingos e Feriados, das 14h00 às 20h00. Nos dias de espectáculo, até à hora de início do mesmo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa
Metro: Campo Pequeno
Autocarros: Campo Pequeno 54 e 56;
Av. da República 21, 36, 44, 45, 49, 83, 90, 91, 727, 732 e 738; Av. de Roma 7, 35, 727 e 767;
Praça de Londres 7, 22, 40 e 767

CULTURGEST PORTO - GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h00 às 18h00 (última admissão às 17h45).
ENCERRA AOS DOMINGOS E FERIADOS.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h00 às 20h00
Encerra aos fins-de-semana e feriados
Largo do Chiado nº8, 1249-125 Lisboa
Telefone: 21 323 73 35
www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira

21 790 51 55
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Bilhetes à venda

Culturgest, Fnac, Worten, El Corte Inglés, C.C. Dolce Vita, Ag. Abreu, Megarede e www.ticketline.sapo.pt
Reservas Ticketline: 707 234 234

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Parque gratuito

Os portadores de bilhetes para os espectáculos ou de convites para as inaugurações têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos. Nos dias úteis só é permitido o acesso ao parque para espectáculos que se realizem depois das 18h00.

Acesso a deficientes

Áreas acessíveis a deficientes, por rampas ou elevadores: parque de estacionamento, bilheteira, galerias e auditórios. Assistência a deficientes motores sempre que requisitada previamente na bilheteira. Entrada gratuita concedida a um acompanhante, no limite dos lugares disponíveis.

Programa sujeito a alterações.

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

ALUGUER DE ESPAÇOS NO CENTRO DA CIDADE

AUDITÓRIOS · SALAS · ASSISTÊNCIA TÉCNICA · HOSPEDEIRAS

Informações 21 790 54 54

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego, Piso 1, 1000-300 Lisboa
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

APOIOS



Apoio na divulgação:



Fundação Caixa Geral de Depósitos - Culturgest

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego, Piso 1, 1000-300 Lisboa
Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03 · culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Se quiser receber em sua casa
a programação da Culturgest telefone-nos,
escreva-nos, envie um fax ou um e-mail para
culturgest.newsletter@cgd.pt

▼ Destaque pelo picotado e dobre em três partes ▼

GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h00 às 19h00
(última admissão às 18h30).
ENCERRAM À TERÇA-FEIRA.
Sábados, domingos e feriados, das 14h00
às 20h00 (última admissão às 19h30).
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h00 às 19h00.
Em dias de espectáculo das 14h00 até à hora
de início do mesmo. Nos períodos em que não
há exposições: de segunda a sexta-feira das
11h00 às 19h00. Sábados, domingos e feriados
das 14h00 às 20h00.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h00 às 19h00.
Encerra à terça-feira e nos períodos em
que não há exposições patentes. Sábados,
domingos e feriados das 14h00 às 20h00.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se
bilhetes para espectáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas
por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser
levantados até 48 horas antes do espectáculo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

CULTURGEST PORTO - GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h00
às 18h00 (última admissão às 17h45)
ENCERRA AOS DOMINGOS E FERIADOS.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h00 às 20h00
Encerra aos fins-de-semana e feriados.
Largo do Chiado n.º8, 1249-125 Lisboa
Telefone: 21 323 73 35
www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira

21 790 51 55

culturgest.bilheteira@cgd.pt

Bilhetes à venda

Culturgest, Fnac, Worten, El Corte Inglés,
C.C. Dolce Vita, Ag. Abreu, Megarede
e www.ticketline.sapo.pt
Reservas Ticketline: 707 234 234

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

JANEIRO FEVEREIRO MARÇO 2011

CALENDÁRIO

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15
JANEIRO													

17h-20h - 22h-1h TEATRO
Internal
de Orthoerend Goed

20h-24h TEATRO
The Smile Off Your Face
de Orthoerend Goed

17h-20h - 22h-1h TEATRO
A Game of You
de Orthoerend Goed

21h30 DANÇA
Trompe le Monde
de Mária Langa & Nuno Lucas

21h30 HOOTENANNY
Luther "Guitar Junior"
& The Magic Rockers

18h30 CONFERÊNCIAS
Da lei da morte libertando...
por Paulo Mendes Pinto

18h30 CONFERÊNCIAS
Da lei da morte libertando...
por João Ferreira do Amaral

CINEMA
Sergel Loznitsa

18h30 CONFERÊNCIAS
Da lei da morte libertando...
Por Helena Vasconcelos

18h30 CONFERÊNCIAS
Da lei da morte libertando...
Steve Lehman Octet

21h30 HOOTENANNY
Guy Davis
Routes/roots of the blues

EXPOSIÇÃO João Queiroz
18h00 MÚSICA
Vilde Frang e Michail Lifits

22h00 MÚSICA
Phill Niblock

18h30 LETURAS
Comunidade de Leitores
Por Helena Vasconcelos

21h30 JAZZ
Steve Lehman Octet

EXPOSIÇÃO PORTO Pedro Diniz Reis

EXPOSIÇÃO ITINERANTE Linguagem e Experiência

EXPOSIÇÃO CHIADO 8 Bruno Pacheco

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
30	31	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
FEVEREIRO													

21h30 HOOTENANNY
Bernardo Sassetti
The Blues

18h30 CONFERÊNCIAS
O Fascínio da Economia
por João Ferreira do Amaral

20h30 TEATRO
La casa de la fuerza
de Angélica Liddell

18h30 LETURAS
Comunidade de Leitores

18h00 MÚSICA
Luisa Tender e Jill Lawson
Duo de pianos

21h30 DANÇA
Si muero dejad el balcon abierto
de Raimund Hoghe

21h30 HOOTENANNY
Phil Wiggins Duo

21h30 HOOTENANNY
David Crawford Organ Trio

21h30 JAZZ
You taste like a song
Júlio Resende Trio

21h30 MÚSICA
Portrait Steve Reich I
Remix Ensemble Casa da Música

21h30 JAZZ
LOKOMOTIV

21h30 JAZZ
Daniel Levin Quartet

18h30 LETURAS
Comunidade de Leitores

EXPOSIÇÃO PORTO castillo/corrais

EXPOSIÇÃO CHIADO 8 Bruno Pacheco

EXPOSIÇÃO ITINERANTE Linguagem e Experiência

EXPOSIÇÕES 1+1+1=3 · Gedi Sibony

DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
27	28	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
MARÇO													

18h30 CONFERÊNCIAS
O Fascínio da Economia

18h30 CONFERÊNCIAS
A arte do século XX
por Raquel Henriques da Silva

21h30 MÚSICA
perVERSIONES de Fátima Miranda

21h30 JAZZ
Luis Lopes e Mats Gustafsson

21h30 TEATRO
Holiday Um espectáculo
de Ranters Theatre

18h30 CONFERÊNCIAS
A arte do século XX

18h00 MÚSICA
Vita - Monteverdi-Sealsi
Sonia Wieder-Ahertion

18h30 CONFERÊNCIAS
Comunidade de Leitores

EXPOSIÇÃO PORTO castillo/corrais

EXPOSIÇÃO CHIADO 8 Bruno Pacheco

EXPOSIÇÕES 1+1+1=3 · Gedi Sibony

Culturgest
uma casa do mundo